

# missão profética

(I)



CEI  
SUPLEMENTO - 8



**CEI SUPLEMENTO N.º 8**

JULHO — 1974

Publicação de **Tempo e Presença**  
 Editora Ltda.

Registrado de acordo com a  
 Lei de Imprensa

**DIRETOR-RESPONSÁVEL:**

**Domício Pereira de Mattos**

**REDATOR:**

**Carlos A. C. da Cunha**

**CONSELHO REDATORIAL :**

**Rubem A. Alves**

**Ana Vitória de Toledo Barros**

**Elter Maciel**

**Paulo César Loureiro Botas**

**Jether Pereira Ramalho**

**IMPRESSÃO:**

**Princeps Gráfica e Editora Ltda.**

Rua Teodoro da Silva, 574

Distribuído aos assinantes  
 do **CEI**

Assinatura anual: Cr\$ 30,00

Cheque pagável no Rio de  
 Janeiro em nome de:

**Tempo e Presença Editora Ltda.**

Caixa Postal, 16.082 — ZC-01

20.000 RIO DE JANEIRO, GB

Preço do exemplar avulso:

**Cr\$ 3,50**

**ÍNDICE**

**EDITORIAL** ..... 1

**ESTUDOS**

**Rafael Ávila P.**

— A Profecia na América  
 Latina ..... 2

**Carlos Mesters**

— O Profeta Amós: Nin-  
 guém gosta de profetas 13

**Paulo César Botas**

— Profetizar: Uma Deci-  
 são Contraditória .... 16

**DOCUMENTO**

**D. Adriano Hipólito (en-  
 trevista)**

— Sentindo os Sinais dos  
 Tempos ..... 21

**CAPA** — Montagem fotográfica com três cenas de Nova Iguaçu (lugar e assunto de nossa entrevista): Passarela sobre a via férrea (em frente à Catedral); vista parcial da cidade com a torre da Catedral ao centro; e a via férrea da Central do Brasil que transforma Nova Iguaçu num grande subúrbio do Rio de Janeiro.

A estrada é extensa, bem sinalizada, tentadora. Correr é um apelo, o apelo mesmo da vida. As vezes as estradas têm trilhos. São seguros, mas preestabelecem o roteiro. E a fonte de água natural ao lado, à sombra? E o restaurante debaixo das árvores? E as visões belas do abismo e dos horizontes? Os trilhos são inflexíveis. Nas estradas de ferro todas as paradas já foram planejadas, lugares e tempo. (Planejar é a tentação do século, planejar o humano e até o divino). A opção é a rodovia, aceitação da vida. Não há trilhos. No entanto, cada curva, cada lombada, se oferecem apenas à vida, ao prazer, também oferecem perigo. Mas eu paro onde quero, quando quero e preciso. Ao volante tenho diante de mim um mundo a abrir-se.

A estrada é tentadora. Há muito que ver e vencer. Há os sinais à margem que ajudam no avanço. As ofertas do caminho, luz e sombra, povoados e descampados. A natureza parece que vai sendo engolida. Há os outros à minha frente. Há os que pedem "carona" e ajuda. Há os caídos e derrotados da estrada. Mas eu não esqueço o retrovisor, quando preciso mudar de rumo, parar, sair da estrada. Olhadelas rápidas ao retrovisor são indispensáveis.

Profetas ao volante. Não esquecem o retrovisor, porém olham muito mais a estrada e os sinais da estrada. Sem eles é que não há viagem, não há futuro.

Esta idéia é de Rafael Ávila (A Profecia na América Latina, que traduzimos. É um desmonte das estruturas eclesiais retro-projetivas.

Amós, o profeta que conspira contra S. Excelência no Estado de Israel, está apresentado por Frei Carlos Mesters (Ninguém gosta de profetas). Será que você conhece Amós?

Um estudo bíblico muito sério de Frei Paulo César relaciona Deuteronomio com o Cântico de Maria (em Lucas), e nos oferece matéria à beça para nossa reflexão e revisão de ministério.

A maior parte deste nosso número apresenta uma entrevista com um profeta de nosso tempo, D. Adriano Hipólito, bispo de Nova Iguaçu. E ele, conversando conosco, nos aponta muitos dos estranhos sinais de nosso caminho. População, cultos populares, renovação da nossa pastoral, e fé entre os jovens, as forças marxistas, injustiças e disparidades de nosso tempo, o admirável movimento ecumênico, atizador da desolação no lugar santo de que fala Jesus. Sinais, sinais e mais sinais que tantos não querem ver, preferindo olhar para o retrovisor no "encantamento" de um caminho percorrido sem perceberem que Cristo está sempre adiante, precedendo-nos na Galiléia e em toda a parte.

Missão Profética na estrada extensa, tentadora, cheia de sinais, — neste e no próximo número.



# A PROFECIA NA AMÉRICA LATINA

Rafael Ávila P.

Para a Teologia Dominante, a única Palavra fundadora da Teologia está entre as muralhas da Bíblia. Para a Teologia Latinoamericana, a Palavra fundadora da Teologia transcende as barreiras da Bíblia, está não somente lá, mas aqui, na América Latina.

**A** vocação original da América Latina consiste em criar uma nova e engenhosa síntese “entre o que outros nos entregaram e a nossa própria originalidade” (1). Neste contexto devemos situar a “vocação original” da Teologia latino-americana.

Até agora temos sido meros recipientes passivos da tradição teológica e inclusive se tem mesmo desejado reduzir somente a isso (a **tradição** tem-se tornado **imposição**). Em seguida, se quisermos fazer ouvir a nossa Palavra, estamos convocados para ser também e **primeiramente** agentes ativos da teologia.

A teologia que nos tem sido dada (ou imposta) chamo **“dominante”**, à que tenta decifrar a própria originalidade da experiência cristã em nosso Continente, chamo **“latinoamericana”**. Lançarei mão de contraposição para salientar a peculiaridade desta última.

## 1. DUAS ATITUDES ANTE O CONTEXTO HISTÓRICO

A Teologia dominante tem estado primeiramente preocupada com a recuperação crítica do passado cristão. As investidas do racionalismo obrigaram-na a redescobrir sua base histórica; com isso prestou um valioso serviço ao cristianismo, porém habituou-se — talvez inconscientemente — a ter ancorado seu “centro de interesse” no passado.

Acostumou-se — permitam-nos a expressão — a conduzir o carro do cristianismo olhando o “retrovisor”. Descuidou o contexto histórico atual — a pista que está percorrendo — e fez caso omissos dos “sinais” distribuídos ao longo do percurso; por isso acabou defasada, andando na contramão, na contracorrente da História.

Porque supôs que o seu contexto histórico atual era inquestionável e inalterável, a Teologia dominante tem sido, não somente tolerada, mas também fomentada e utilizada pelo mundo rico, como a melhor de suas expressões hermenêuticas. Desta forma, em lugar de aceitar e apoiar o trabalho crítico das Ciências Sociais com sua palavra profética, tem sido reduzida, muitas vezes, a um aparato mais para reativar a ideologia que convém ao sistema.

A Teologia latinoamericana, por outro lado, “centraliza a sua atenção sobre o homem deste continente” (2) e sobre o contexto histórico atual da América Latina, não somente porque o questiona como suposto intocável e inalterável, como também, e primeiramente, porque o considera “lugar teológico”, interpelação de Deus, sinal dos tempos, **PALAVRA**.

Desde o começo, o seu centro de interesse é o presente; e embora possa ter a tentação de fazer caso omissos do retrovisor, está muito atenta aos sinais e ao âmbito do seu quefazer, com o qual tem que entrar muitas vezes em conflito, precisamente para questioná-lo.

Na primeira, a fé é retrospectiva; se preocupa com a palavra-lembrança (“in illo tempore”). Na segunda, a fé é prospectiva; preocupa-se com a palavra-profecia; é de hoje.

Para a primeira, a única Palavra fundadora da Teologia está retida entre as muralhas da Bíblia e o mundo latinoamericano nada pode acrescentar-lhe a não ser no sentido de que lhe ofereça odres novos para o vinho velho, vestidos novos para as verdades de sempre, ou a linguagem diferente (“aggiornada”) para dizer o mesmo (neste sentido estaria disposta a permitir que o Evangelho se adapte ou se aplique à América Latina).

Para a segunda, a Palavra fundadora da Teologia transcende as barreiras da Bíblia e está não somente então, mas também agora; não somente lá, como também aqui.

A primeira faz abortar a Palavra que Deus emite através da História, enquanto que a segunda levanta essa palavra e deixa que a História fale a sua própria palavra.

Em cada aspiração para ser mais descobre uma palavra latente, uma palavra que Deus tem "na ponta da língua", e, por isso, se sente obrigada a desbloquear as páscoas "represadas" para que Deus diga o que quer dizer e para que o homem se mobilize para a sua plenitude. Tudo o que interfere no projeto humano e causa alienação deve ser superado.

Seguindo a linha antropológica do Vaticano II, que dizia: "O Povo de Deus, movido pela fé... procura descobrir nos acontecimentos... os sinais verdadeiros da presença e dos planos de Deus" perscruta as "insinuações" que Deus nos formula a partir da problemática latinoamericana e trata de "decodificar" os sinais dos tempos com a ajuda das ciências sociais.

Assim garante um maior grau de objetividade a sua "leitura" profética e óbvia, até onde é possível, a ambigüidade inerente aos referidos sinais.

## 2. DOIS PROJETOS

A Teologia dominante, dada a sua despreocupação por seu contexto histórico ou a sua inconsciência dele, pergunta-se: Como viver a fé no mundo moderno ou nas atuais circunstâncias? Ou leva em conta os progressos do mundo, mas **desconhecendo** que o mundo ou as novas circunstâncias podem questionar a fé.

A sua preocupação não é viver a fé, graças ao que está acontecendo, mas apesar do que está acontecendo, ou, pelo menos, à margem do que acontece. Se se vê obrigada a falar dos sinais dos tempos, sente-se afetada por eles só de passagem e talvez lhe dedique algumas linhas na Teologia Moral, no tratado da justiça.

A sua atitude recuperadora é quase de um pessimismo apocalíptico: como salvar a fé (a teologia ou a Igreja) apesar de tudo e embora o Mundo funcione como funciona. Daí se origina um tipo de evangelização exclusivista, quase uma evasão, que se afasta com "vivências" que não questionam o sistema.

Ao contrário, a Teologia latinoamericana está preocupada, inicialmente, com o seguinte problema: Como criar uma sociedade na qual se possa viver o Evangelho? ou como encaminhar a história latinoamericana em direção à Parusia? (Camillo é seu pioneiro). Para ela, o amor é "o dinamismo que deve mover os cristãos a realizarem a justiça no mundo." (3)

"Os sinais dos tempos que em nosso Continente se expressam, sobretudo, na ordem social, constituem um lugar teológico e interpelações de Deus" (4). Estes sinais sociais constituem para ela a fonte originadora de sua reflexão teológica, sobre a qual deve basear-se toda estratégia de sua profecia.

Por isto a teologia latinoamericana fundamenta um tipo de evangelização não-exclusivista, comunitária e política: "as situações históricas e as aspirações autenticamente humanas formam parte indispensável do conteúdo da Catequese" (5).

### 3. DUAS ATITUDES DIANTE DO PECADO

A Teologia dominante tende de modo paradoxal a considerar separadamente o pecado da Igreja. A sua concepção de pecado é muito "doméstica". Por isso centraliza sua atenção na reforma da Igreja, como se bastasse purificar seu rosto para acabar com o pecado do Mundo.

Mais ainda, como se pudesse esconder por certa mágica, a invasão com que é invadida e atravessada, de lado a lado, pelo pecado do Mundo. Como se o próprio pecado fosse o único, e estivesse separado e desligado do contexto do pecado do Mundo.

Não se esconde aqui a tentação de uma Igreja que deseja ser constituída somente pelo Reino dos Puros (Catarismo), depois de ter expulsado de seus territórios — por decreto e de maneira voluntária — ao pecado para reduzi-lo unicamente ao âmbito do Mundo; ou, para sermos mais explícitos, a fim de "pendurá-lo" ou atribuí-lo somente ao Mundo.

A Teologia latino-americana, em contrapartida, está primordialmente ocupada com o pecado do Mundo e não com o pecado da Igreja. Este somente lhe interessa como decorrência, na medida em que é cúmplice daquele ou o apóia.

O seu objetivo principal são as estruturas injustas e desumanizantes nas quais se cristaliza o pecado do Mundo (linguagem teológica), ou a patologia social (linguagem psicanalítica), ou a violência instituciona-

**"Os sincis dos tempos,  
que em nosso Continente  
se expressam,  
sobretudo, na ordem  
social, constituem  
um lugar teológico e  
interpelação de Deus."**

lizada (linguagem socio-política). Considera conseqüentemente que todas as estruturas e instituições eclesiais devem estruturar-se em função desta tarefa, que extrai de si mesma, ao situar seu objetivo principal fora de si própria.

A Igreja, nesta perspectiva, não é a causa determinante do pecado do Mundo, mas o inverso: o pecado do Mundo é, de alguma forma, a causa determinante do pecado da Igreja, como a patologia social é a causa determinante da patologia individual e a violência institucionalizada, a causa determinante da violência individual.

A Igreja é pecadora **porque** (e não ainda que) participa do pecado do Mundo. Suposto este diagnóstico, a terapia adequada consistirá em "bombardear" o pecado do Mundo para eliminar o próprio pecado.

Por exemplo, se se constata que cada vez mais se abre a brecha entre a hierarquia e o laicato (uma forma de pecado intraeclesial) se propõe como terapia a criação de "canais" de aproximação, tal como as Igrejas do Mundo Desenvolvido propuseram os Conselhos Pastorais (terapia intraeclesial **fora de contexto**).

Por outro lado, a Teologia latinoamericana, logo que constata o mesmo fato, difere em sua explicação e, por conseguinte, em sua terapia.

Para ela, o desmonte da estrutura constantiniana — caracterizada pela aliança das hierarquias eclesiásticas com as classes dominantes — está indissolúvelmente vinculado ao desmonte das classes sociais (pecado do Mundo).

A estrutura constantiniana não pode, nesse caso, ser desfeita por decreto papal, do Concílio, ou das Conferências Episcopais, mas pela eliminação das condições objetivas que a possibilitam.

Subjazem logicamente dois tipos de eclesiologia: aquela que admite que João XXIII abriu as janelas da Igreja para que **entrassem** (movimento centrípeto) ares de renovação, e aquela que considera que ele as abriu antes a fim de que a Igreja dirigisse os seus olhos **para fora** (movimento centrífugo), para o Mundo.

#### 4. DUAS PERSPECTIVAS

Atrás do cenário da Teologia dominante se descobre uma Igreja narcisista que tenta farisaicamente desembaraçar-se de alguma forma desse “pesado fardo” chamado humanidade para lançar-se sozinha ao ponto final que a conduz à Parusia.

Pretende ela alcançar a meta, fazendo da Humanidade uma base olímpica. Ainda que, talvez com grande resignação e se isso fosse condição absolutamente necessária estaria disposta a dobrar-se ante a Humanidade como sua serva “interina” a fim de herdar a Nova Terra para ela sozinha, como propriedade privada, não compartilhável com a Humanidade.

A Teologia latinoamericana não crê que isto seja possível. Ainda mais: convencida como está de que não há duas histórias, mas uma só, e de que, portanto, não existem duas metas, mas somente (existe somente

uma vocação, diz o Vaticano II), não crê que haja duas Parusias, primeiramente uma para a Igreja, e outra, em segundo lugar, para a Humanidade.

Haverá somente um acontecimento parusiaco, meta e objetivo comum para a Igreja e a Humanidade. Posto que não pode ser finalidade específica de alguém ou de algo aquela que se tem em comum com alguém ou com algo, a Parusia só é finalidade específica da Humanidade e não da Igreja, a qual virá para aquela — a Parusia — **porque** (e não apesar de que) **porção da humanidade**. A Igreja está portanto ligada inevitavelmente à sorte da Humanidade. Ou chega com ela à Parusia, ou simplesmente não chega. Não pode chegar antes nem depois, nem a seu lado. E se chega, chegará **porque** a Humanidade chegou e não apesar de ter chegado. A Parusia não pode acontecer só nem primeiramente para esse grupo de selecionados chamado Igreja.

A Parusia não é então finalidade da Igreja e **também** da Humanidade, antes o contrário: finalidade da Humanidade e **também** da Igreja. O “pró-jeto” parusiaco não é propriamente um “pró-jeto” da Igreja, mas um “pró-jeto” da Humanidade, o único **PROJETO**.

Segue-se daqui primeiro: que a Igreja não tem um projeto próprio, e segundo: que o único projeto que pode assumir é o da Humanidade. E que se, portanto, se solidariza com ela, não é para realizar um pretendido projeto seu particular (seria “estar na sua”) mas para executar o único pro-jeto, do qual afinal de contas, depende seu próprio futuro.

É sua própria pele que está em jogo. O assumir tal Projeto não pode ser considerado como um favor ou como uma generosa dádiva principesca, que ela decide voluntariamente oferecer



ao mundo de forma facultativa. Trata-se de ser ou não ser. É uma necessidade de sobrevivência.

Por este motivo, se somos bem entendidos, a Humanidade é a única "tábua de salvação" a que pode agarrar-se a Igreja. A única "arca de Noé" pela qual pode e deve entrar a Igreja. Esta inversão eclesiológica — que não deixa de ter sua analogia com a revolução copérnica, que nos passou do geocentrismo para o heliocentrismo — é um verdadeiro desafio para a Igreja e, além disso, um dos mais sérios revezes que sofreu o seu narcisismo.

Significa isto, sem mais, a morte da atual Igreja institucional para dar passagem (páscua) à Igreja do Futuro.

##### 5. DUAS MANEIRAS DE CONFRONTAR A BÍBLIA COM A NOSSA SITUAÇÃO

Se levamos em conta que a Palavra Bíblica (AT + NT) é uma espécie de fóssil epistemológico que reproduz abreviadamente as fases percorridas pela consciência de Israel (6) pela qual podemos rastrear seu passado, a Palavra é, por um lado, micro-condensação das principais balizas da História de Israel, e, por tanto, sua memória coletiva, hoje mais do que nunca perigosa memória.

Por outro lado, longe de ser verdade absoluta ou dado absoluto, é constatação de uma série de constantes históricas em cuja continuidade a consciência escatológica deve continuar a gênese da história.

**A Igreja está ligada inevitavelmente à sorte da Humanidade. Ou chega com ela à Parusia, ou simplesmente não chega.**

Se perguntamos à Teologia dominante que relação ou que articulação pode ter a referida palavra bíblica com a História (ou com a situação) da América Latina, dar-nos-á respostas do tipo que segue:

- podem estabelecer-se simples analogias
- ou, quando muito, paralelismos
- ou, talvez, exemplificações
- ou pode fazer-se um esforço de aplicação
- de adaptação
- de acomodação
- de "aggiornamento"
- de re-produção
- ou de re-expressão...

As categorias de analogia, paralelismo e exemplificação sugerem que a única coisa que se poderia fazer seria procurar no AT + NT situações análogas, paralelas ou exemplificadoras com respeito às nossas. Supõe-se então que AT + NT é uma coleção de pautas, normas, padrões, tipos, modelos ou exemplos. A sua valorização: situações normativas, revelação normativa, situações tipológicas, revelação tipológica, situação modelo etc.

Quase se poderia dizer que ficaria o cristão reduzido a pisar o passado, a re-produzi-lo ou a repeti-lo. Se enquadrá aqui a ascética da "imitação de Cristo", como se Cristo ou qualquer outro personagem fosse o modelo ou o exemplo de acordo com o qual o cristianismo deveria modelar o "barro" da realidade ou da própria vida.

Trata-se de uma construção do presente, tendo como arquétipo o passado. Dessa forma ficaria o cristão encerrado no círculo dos comportamentos repetitivos com seu pensamento reduzido a um dado; e a sua

ação na ordem estabelecida faria abortar dessarte, talvez sem se aperceber, a emergência do novo.

Uma concepção autenticamente positivista, mas não profética, que desejasse refletir o mundo mas não projetá-lo. A negação da Esperança, da Utopia, do Reino.

Um passado e um presente sem futuro, sem escatologia, sem Parusia. Como se o Reino fosse uma simples acumulação de passado ou um amontoado de "vasos velhos" no estilo do "quarto de Santo Aleixo". Não, a Novidade irromperá na História como fruto da "paixão pelo possível" (Kierkegaard) e da "imaginação criadora" de que nos falou Medellin.

**As categorias de: aplicação, acomodação, adaptação** sugerem que a única coisa que se poderá fazer seria tratar de aplicar, acomodar ou adaptar o AT + NT à América Latina. Supõe-se, então, que AT + NT é uma série de princípios gerais cu de verdades eternas que se aplicam aos casos concretos da AL, como se a Palavra Bíblica fosse uma espécie de "logos asarkos" que desce até à realidade por generosa condescendência "kenótica" para batizá-la e dar respaldc à mudez de uma História sem voz, nem voto, nem valor, nem consistência em si.

O esquema, como se vê, é dedutivo; o universal se aplica ao particular. Subjaz também o desprezo olímpico que o mundo helênico sentia para com o particular e concreto, ou seja: o histórico. O particular e o concreto não têm a oportunidade de dizer a sua Palavra; só se dá crédito ao universal e eterno. No fundo é a negação da possibilidade de que a História possa veicular a Revelação ou, sem mais, a negação do cristianismo.

As verbalizações concomitantes desta mentalidade concebem a Palavra ou a Mensagem como uma "luz" que se "projeta" sobre a História (tratam de esclarecer o mistério do homem, ou de ler a História à luz da fé, Israel, a Palavra ou o Evangelho).

Parece, segundo isto, que "o acontecimento (exterior) é um cenário extrínseco, sobre o qual se derrama de cima, como chuva, a Palavra de Deus" (7). A Palavra cai então, como "aerólito" postico e acrescentado à História da América Latina sem articulação intrínseca a ela. É uma intronometida.

A Teologia das realidades terrestres, do poder, do progresso, do trabalho, do desenvolvimento ou da política, as "verdades" da Teologia, se enquadram aqui.

É que a realidade não necessita que se aplique a Teologia para convertê-la, por não sei que procedimentos, no "lugar teológico". A realidade como "lugar teológico", precede à Teologia, como Cristo nos precede no acontecimento anterior a qualquer intervenção apostólica (8). A Teologia não pode converter em Palavra um Silêncio. Nem a Teologia pode "fazer dizer" algo à realidade. Somente pode limitar-se a escutar a Palavra que ela diz.

**As categorias de: Atualização, atualização re-produção e re-expressão**, sugerem uma modificação da linguagem (Idioma, Cultura, Instrumento de pensamento), entendendo-se por isto não somente a tradição do hebraico, do aramaico ou do grego em que estão escritos o AT + NT, para as línguas modernas, mas também, o que é menos fácil, a tradução de cultura para cultura.

Por exemplo, em lugar de dizer os escribas, dizer os secretários; em vez de dizer a dracma perdida, dizer a moeda perdida; ou em trocar circunlóquios semi-

tas por latinoamericanos; como em vez de dizer que o cristão deve perdoar 70 vezes 7, dizer que deve perdoar “mil vezes” (por isto que: te disse mil vezes que...), ou em vez de dizer em verdade em verdade vos digo, dizer eu lhes asseguro que... etc. (A Bíblia Latinoamericana é um esforço neste sentido. Cremos que é conveniente e inclusive necessária, porém insuficiente). (9)

Supõe-se neste caso que há que dizer sempre o mesmo e que o problema consiste somente em saber dizê-lo. Ou seja, em transmiti-lo de forma tão simples e tão pedagógica que possa ser compreendido por pessoas as mais humildes.

A unidade consistiria em dizer o mesmo; e o pluralismo, em utilizar métodos diversos para dizê-lo (unidade de conteúdo e “pluralismo” metodológico!!!). Abrir-se-ia assim a possibilidade de um verdadeiro pluralismo teológico, porque um “pluralismo” que dissesse o mesmo com diferentes linguagens (idiomáticas ou culturais) ou com diferentes metodologias, não seria mais que um bonito nome dado à uniformidade.

Inclusive hoje, quando a Teologia latinoamericana fala de trocar a linguagem filosófica pela linguagem das Ciências Sociais, alguns têm compreendido que se trataria tão somente de “des-vestir” a teologia do “vestido” aristotélico para por-lhe o “vestido” sócio-analítico (o mesmo com diferente vestido). Não agora o vinho novo em odre velho, mas o vinho velho em odre novo.

O anúncio consistiria em proclamar as “verdades de sempre” em todos os tempos, ou seja, em todos os tempos. Um exemplo tomado do Diretório Catequístico Geral: “A primeira e principal obrigação do ministério profético da Igreja é tornar inteligível esta mensagem aos

homens de todos os tempos” (N. 37).

Deve-se anotar, finalmente, que as categorias de “acomodação” ou “adaptação”, além do sentido já indicado, podem também compreender-se como modificação da linguagem (Idioma, Cultura, ou Instrumento de análise).

Se tratamos de precisar os **riscos comuns** a todas estas formas de articulação da Bíblia com a América Latina propostas pela Teologia dominante, encontramos os seguintes:

1. **São estáticas:** porque amarram em matrimônio indissolúvel a Teologia com o passado. É a teologia de “in illo tempore”. Aprisionam a Palavra “naqueles tempos”, com o que simplesmente a abortam, porque com a intenção de reivindicar os direitos da Cristologia, constroem-se sobre o cadáver do Espírito Santo, a que reduzem voluntaristicamente à mudez, a partir de então.

Se se vêem obrigadas a falar de um certo progresso, referem-se a um progresso **NA** Revelação e não a um progresso **DA** Revelação, querendo dizer com isso: um progresso **NA** compreensão da Revelação.

A **DEI VERBUM** nos fala da consecução de “uma mais profunda inteligência das Sagradas Escrituras” (N. 23). Afirma que a Igreja “vai crescendo na compreensão das coisas e das palavras transmitidas” (N. 8) e que “a mesma Sagrada Escritura se vai conhecendo nela (refere-se à Tradição) mais a fundo” (Ib).

**A Igreja não tem um projeto (pró-jeto) próprio. O único projeto que ela pode assumir é o da Humanidade.**

Assimilam de forma unívoca (e assimilar de forma unívoca significa identificar ou confundir) a Palavra Bíblica gerada e dada à luz pela História, e, por conseguinte, situada e datada na verdade grega universal e eterna.

2. **São dedutivistas:** porque, conseqüentemente com o heilenismo aludido, concebem a Palavra ou a Mensagem como "princípios" ou como "verdades" desligadas da História, sem "base" indutiva, supervalorizando o universal às custas do particular e do concreto. Esquecem que a Revelação e a Profecia, enquanto que veiculadas pela História, só têm razão de ser pela indução.

Reduzem o trabalho teológico a "deduzir", mediante a ajuda da lógica formal (a qual supõem ser a única ferramenta da Teologia), o que está latente, implícita, virtual ou potencialmente na Palavra referida. (Subjaz logicamente o esquema do Ato e Potência). Assim, por exemplo, o professor Rahner, depois de afirmar "que a verdade revelada permanece sempre a mesma — quer dizer: verdade, expressão exata da realidade, obrigatória para todos os tempos —, é coisa óbvia" (10), diz que "**quoad nos** (leia-se bem) existe, de fato, uma evolução do dogma" (11).

E argumenta desta forma: "quando um homem fala, jamais alcança plenamente as conseqüências reais que se deduzem necessariamente de suas palavras" (12), "quando Deus fala, não sucede o mesmo (pois ele) é necessariamente consciente de todas as suas virtualidades e conseqüências" (13).

O trabalho da Teologia é então "mergulhar" no universo bíblico para des-entorlar o inexplicado, e fazer patente o latente, explícito o implícito, atual o virtual ou potencialmente pre-

sente ali. A única ferramenta necessária para operar esta dedução é a lógica formal (14).

Não é casual a conexão que se faz entre a solução que se dá e a ferramenta que se usa. E, por isso, tampouco é casual que a Teologia latinoamericana, ao recorrer a uma nova ferramenta (o instrumental sócio-analítico), varie o seu traçado.

Que quer, então, dizer que Deus fala "sem interrupção com a Esposa de seu amado Filho?" (Dei Verbum, n.º 8) ou que o Espírito Santo nos guiará para a Verdade Completa? (Jo 16.12,13).

Significa, de acordo com a Teologia Dominante, que o Espírito Santo nos assessoria (e a expressão "debaixo da assistência do Espírito Santo", é muito sintomática) para "aprofundar" o que Jesus nos disse; e que, por conseguinte, a Teologia tem como função aprofundar as referidas palavras contextualizando-as (exegese) e inter-conectando dados bíblicos dispersos com a ajuda da lógica formal.

Outra exegese menos possível, mas que às vezes parece subjazer a certas afirmações, é a de que o Espírito Santo se reduz a recordar o que Jesus disse para que a gente não se esqueça. É a visão platônica de que, no contato com o mundo das sombras, nos recordamos do que tínhamos conhecido no mundo das idéias.

3. **Pressupõem que América Latina é um silêncio** e não uma Palavra de Deus; para eles, confrontar a Palavra Bíblica com AL é confrontar uma Palavra com um Silêncio e não confrontar uma Palavra com outra Palavra.

Nós, por outro lado, cremos que a Revelação continuou e que, a partir do nosso Continente chamado AL, Deus nos dirige hoje uma Palavra nova, que

tem a suficiente descontinuidade como para caracterizar-se como uma Palavra diferente (um "quid novum" um "plus") com respeito à Palavra NT e, "a fortiori" com respeito à Palavra AT, e que a referida Palavra entra com o NT numa relação análoga à que o NT tem com AT (15).

4. **Pressupõem uma falsa epistemologia** porque, se tomamos essa "microcondensação" da História de Israel e de Jesus, chamada Bíblia (incluindo aqui a Profecia e a Teologia) —, que está situada no plano epistemológico — para enfrentarmos a realidade histórica (a nossa do aqui e do agora) haveria duas maneiras de abordá-la:

a) enfrente a realidade para "encaixá-la" na Profecia; neste caso dou primazia à consciência sobre a realidade.

b) enfrente a realidade para re-elaborar a Profecia; neste caso dou primazia à realidade sobre a consciência.

No primeiro caso, creio que a realidade é produzida pela consciência e que a Palavra ou as idéias podem manipular o mundo a seu arbítrio. No segundo, creio que a consciência é um modo da realidade (conscientia nonnisi modus essendi est) e dou primazia ao ser sobre o conhecer (os marxistas diriam: à matéria sobre o pensamento; categorias diferentes mas conteúdo idêntico).

A Teologia dominante se situa no primeiro tipo de "epistemologia" é estática e dedutivista

porque freou o desenvolvimento da Profecia (modalidade epistemológica) em uma frase: o neotestamentarismo, encerrando-se no interior de uma como "conscientia clausa" de Descartes, sem conexão ulterior com o objeto e defasando-se, de maneira correspondente, da evolução de todos os demais tipos de epistemologias, incluídas as ciências naturais e as sociais.

Pois se uma determinada fase epistemológica do judaico-cristianismo refletia a época e a cultura em que tinha sido engendrada, ao estacionar ali, deixou de refletir as outras épocas e culturas que foram surgindo posteriormente.

Este tipo de epistemologia é o que nos dá conta da "inversão ideológica da realidade social na consciência política dos cristãos" — (16), pela qual o homem crê que seriam os valores cristãos e não ele, os que, ao incarnar-se, transformariam o mundo ou a sociedade (17).

"Não são os valores evangélicos os que, ao incarnar-se transformam o homem e a sociedade, mas o homem é que é o sujeito histórico que transforma a realidade social, à medida em que luta para superar toda alienação ou opressão. O homem é o sujeito criador de sua história e não o objeto de um mundo de valores que devem ser incarnados" (18).

O segundo tipo de epistemologia — a que dá primazia à história e à praxis sobre a profecia — é o que oferece perspectivas para a teologia latino-

**A realidade como lugar teológico precede à Teologia como Cristo nos precede no acontecimento anterior a qualquer intervenção apostólica. A Teologia não pode "fazer dizer" algo à Realidade. Somente pode limitar-se a escutar a Palavra que a Realidade fala.**

americana. Trata-se de uma leitura ativa da atual situação da AL (presente) com a dotação epistemológica do NT (passado) a fim de mobilizar o Continente para a Parusia (futuro).

Isto poderia chamar-se interpretação, decifração ou o desvendar da História Latinoamericana. E implica uma re-leitura também ativa dos resultados epistemológicos do AT + NT (passado) a partir da consciência que têm os profetas da situação latinoamericana (presente) para abrir brechas para o Reino (futuro). Esta seria a re-interpretação.

Interpretação, re-interpretação e profecia, que abandonam o instrumental do "bom tano-eiro" e tomam consciência de que os profetas ocupam um lu-

gar na correlação das forças sociais (porque contextualizados estruturalmente com a sua situação) e lêem, portanto, os "sinais dos tempos" como atores e não como simples espectadores de tais sinais (19) com o instrumental sócio-analítico, para escapar aos riscos e à não-objetividade dos critérios simplesmente pessoais.

A isto temos desejado aludir quando dizemos que o profeta relê a Palavra, **partindo** da consciência que ele tem da situação. Somente com este tipo de epistemologia se poderá superar a inversão epistemológica pela qual o homem quer delegar ao "evangelho" e aos "valores cristãos" ou à Bíblia, a tarefa que ele deve executar e que somente ele pode levar a cabo.

---

## NOTAS

---

- (1) II Conferência Geral do Episcopado Latinoamericano, Introdução n.º 7.
- (2) *Id. ibid.*
- (3) *Id. n. 1, 4.*
- (4) *Id. n. 7, 13.*
- (5) *Id. n. 8, 6.*
- (6) Engels — aludindo a Hegel — qualifica a fenomenologia do Espírito de "embriologia" ou "paleontologia" a qual pode-se considerar como "o desenvolvimento da consciência individual através de suas diversas etapas, concebido como a reprodução abreviada das fases que são percorridas historicamente pela consciência do homem." — *F. Engels. Ludwig Feurbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã.*
- (7) G. Giménez, em MHEC-JECL, n. 14, faz alusão a esta falsa concepção.
- (8) G. Giménez, *op. cit.*, p. 24.
- (9) A Sociedade Bíblica do Brasil imprimiu A BÍBLIA NA LINGUA-
- GEM DE HOJE (Novo Testamento) em edição popular bastante difundida entre protestantes e católicos. (Nota do Tradutor).
- (10) K. Rahner, *Escritos Teológicos*, Ed. Taurus, Madri, T. 1, p. 55.
- (11) *Ib. p. 59.*
- (12) *Ib. p. 74.*
- (13) *Ib. p. 75.*
- (14) *Ib. p. 71.*
- (15) Ensaiei a caracterização desta Palavra peculiar e sua relação com o NT num estudo posterior, embora algumas coisas já as tenha adiantado em minha obra "Elementos para Una Evangelización Libertadora", Ed. Sígueme, Salamanca, 1971.
- (16) J. Pablo Richard, em "Racionalidad Socialista y Verificación Historica del Cristianismo", Bol. n. 9 de "Foro", p. 2.
- (17) *Ib. p. 6.*
- (18) *Ib.*
- (19) *Op. cit. p. 6.*

# O PROFETA AMÓS:

## Ninguém Gosta de Profetas

Carlos Mesters

**A**MÓS “está conspirando contra Vossa Excelência no centro mesmo do Estado de Israel! O país já não pode mais tolerar os seus discursos” (Am 7,10). Palavras do sumo sacerdote Amasias ao seu amigo, o rei Jeroboão. O profeta Amós era um perigo. Subvertia a ordem, e, sendo estrangeiro em Israel, recebeu mandato de expulsão: “Vai-te embora daqui, profeta! Volta para Judá, tua terra, e ganha lá o teu pão com as tuas profecias! Mas não aqui, em Betel, porque aqui é o santuário do rei e a corte real” (7.12,13).

O profeta Amós era um homem de Deus. Presenciava o progresso econômico do país obtido pelo desenvolvimento do setor agrícola, sob o reinado dinâmico do rei Jeroboão II

(783-743 a.C.). Observava, porém, o aspecto precário daquele progresso. O país pôde desenvolver-se devido a um enfraquecimento momentâneo das duas grandes potências mundiais daquele tempo, a Assíria e o Egito. Além disso, era um progresso feito na base do egoísmo coletivo de certos grupos, o que provocava uma divisão injusta de classes no povo. “Convertiam o direito em absinto e lançavam por terra a justiça” (5.7). “Vendiam o justo por dinheiro e o pobre por um par de sandálias. Esmagavam sobre o pó da terra a cabeça do pobre e transviavam os pequenos” (2.6,7). “Amontoavam riquezas nos seus palácios, fruto de suas violências e de seus roubos” (3.10). O povo que Deus libertara do Egito, da

opressão e da escravidão, agora se tornara escravo dos seus próprios irmãos!

Este problema angustiava Amós. Enquanto apascentava o rebanho de cabritos no deserto de Judá e cuidava da sua horta em Técoa, sua terra natal, perto de Belém, ia remoendo este paradoxo. Já não era capaz de pensar em outra coisa. Tudo que fazia ou tocava, lhe trazia à memória a injustiça instalada no país e o tremendo castigo de Deus que ela iria provocar. Um dia, observando como um servente de pedreiros nivelava o reboco de uma parede, Amós já estava imaginando como Deus iria nivelar tudo para erradicar os gritantes contrastes de injustiça (cf. 7.7-9). Uma cesta de frutos maduros evocava que o tempo estava maduro para o castigo de Deus (cf. 8.1-3). Um fogo a devorar o sertão se tornava para ele uma imagem da futura punição divina contra o povo (cf. 7.4-6). No fim, Amós não agüentava mais. Era preciso falar e gritar bem alto! Deus o queria assim! “O leão ruge, quem é que não tem medo? O Senhor Javé manda, quem é que não falará em nome dele?” (3.8). Deixou a sua casa, a horta, o rebanho e a pátria, e foi falar a quem de direito. A sua resposta à ordem de expulsão, transmitida por Amásias, nos diz tudo: “Eu não sou profeta, nem filho de profeta. Sou pastor e colho frutos de sícomoros. O Senhor tomou-me detrás do meu rebanho e disse-me: Vai e profetiza contra o meu povo de Israel” (7.14,15).

Amós se apresenta como um homem sem defesa, simplório, homem do campo. Nada pode contra o poder do rei que tem a cobertura oficial do culto e do sacerdócio (cf. 7.10-13). É desprezado e acusado de subversão e conspiração contra o regime (cf. 7.10). Mas Amós não tem medo. Com a clareza e

a simplicidade do caboclo, denuncia a injustiça social: “Sois opressores do justo, cobradores de comissões injustas, violadores do direito dos pobres na hora do julgamento” (5.12). “Oprimis o pobre e fazeis perecer a gente humilde desta terra” (8.4), falseando a balança para poder ganhar um lucro injusto no preço da venda e vendendo até o refugio do trigo (cf. 8.5,6). Revela publicamente os abusos do luxo com seus escândalos: “Pai e filho dormem com a mesma moça” (2.7). “Deitados em leitos de marfim, estendidos nos seus sofás, comem os cordeiros do rebanho e os cabritos roubados do estábulo, deliram ao som da harpa, bebem o vinho em grandes copos, perfumam-se com bálsamos preciosos, sem se compadecerem da ruína do povo” (6.4-6). Chegam a beber no templo de Deus o vinho dos que por eles foram multados (cf. 2.8). “E ainda pensais que recuará o dia mau? — Vós é que apressais a chegada do reino da violência!” (6.3). Deus jamais esquecerá estes crimes (cf. 8.7). Para estas pessoas não há mais salvação! (cf. 2.14-16). “Prepara-te, ó Israel, para o encontro com o teu Deus!” (4.12). Encontro terrível!

Mostra Amós que não existem privilégios nem seguranças diante de Deus, baseados em tradições ou práticas, quaisquer que sejam: O culto, tal como é feito, não agrada a Deus mas o aborrece (cf. 5.21-23). O altar, onde pensavam estabelecer um contato com Deus, será quebrado (cf. 3.14). O templo, onde acreditavam Deus estar presente, será destruído pelo próprio Deus (cf. 9.1). O dia de Javé, dia do julgamento final, que alimentava neles a esperança de um futuro melhor, será um dia de trevas e de condenação (cf. 5.18-20). A fortaleza de Jerusalém, lugar seguro contra o



inimigo, não é mais forte do que as cidades do Norte, já arrasadas pelo inimigo (cf. 6.1-2). Nem mesmo a dignidade de ser o povo de Deus, libertado pela força divina da opressão do Egito, não constitui nenhum motivo de segurança ou proteção (cf. 9.7).

O castigo de Deus será tremendo. Não vai sobrar nada do povo, como não sobra nada do cabrito devorado pelo leão a não ser "duas pernas e a ponta da orelha" (3.12). Ninguém escapará (cf. 2.14-16), e "o mais corajoso entre os valentes fugirá nu, naquele dia" (2.16). Vão gemer todos como um carro velho carregado de feno (cf. 2.13), e "os cantos alegres dos palacetes se transformarão em gritos de dor" (8.3). As residências de inverno e de verão serão derrubadas, as casas de marfim serão destruídas (cf. 3.15). A população será dizimada (cf. 5.3). Será um luto universal (cf. 5.16). Horrendos delitos serão praticados pelos inimigos como consequência das injustiças praticadas (cf. 7.17). Amós bem dizia: "Prepara-te, ó Israel, para o encontro com o teu Deus!" (4.12).

A única coisa que o homem pode fazer para desviar este castigo de Deus e ter uma segurança dum futuro melhor é: a prática da justiça, a procura sincera da vontade de Deus. "Detestai o mal, amai o bem, fazei reinar a justiça nas vossas assembleias. Quem sabe, então, o Senhor, o Deus dos exércitos, terá piedade do que resta do po-

vo" (5.15). "Buscai o bem e não o mal, e vivereis, e o Senhor Deus dos exércitos estará convosco, como o dizeis!" (5.14). Mas Amós é suficientemente realista para compreender que os homens só se convencerão disto depois de terem passado pelo caos, depois de terem visto que todos os outros apoios eram falsos apoios. Só então eles cairão em si e voltarão para Deus, "reconstruirão as cidades devastadas e as habitarão, plantarão vinhas e beberão o seu vinho, cultivarão jardins e comerão os seus frutos" (9.14). Transparece, nesta profecia de esperança, a saudade de Amós da sua terra natal, onde possuía a sua horta tranqüila. Teve que deixá-la por uma ordem de Deus. Ele espera um dia poder voltar à tranqüilidade de outrora, mas uma tranqüilidade que será fruto da justiça.

Houve muitos profetas. Em vida, nunca foram honrados, mas perseguidos e massacrados, expulsos e maltratados (cf. Heb 11.32-40). Depois da morte, a consciência de culpa levou os homens a edificarem para eles sepulcros majestosos e monumentos (cf. Mt 23.29-30). Mas agir assim seria mistificar os profetas, neutralizar a sua ação e testemunhar de si mesmo: "Somos, de fato, os filhos dos assassinos dos profetas" (cf. Mt. 23.31). O profeta, vivo ou morto, só é honrado quando se executa a mensagem que ele pregou: a justiça, a obediência sincera à vontade de Deus.

# PROFETIZAR:

## Uma decisão contraditória

Paulo Cesar Loureiro Botas

**Suscitar-lhes-ei um profeta do meio de seus irmãos semelhante a ti, em cuja boca porei as minhas palavras e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar.**

**De todo aquele que não ouvir as minhas palavras, que ele falar em meu nome, disso lhe pedirei contas.**

**Porém o profeta que presumir de falar alguma palavra em meu nome, que eu não mandei falar, ou o que falar em nome de outros deuses, esse profeta será morto.**

**Se disseres no teu coração: Como conhecerei a palavra que o Senhor não falou?**

**Sabe que quando este profeta falar, em nome do Senhor, e a palavra dele não se cumprir nem suceder, como profetizou, esta é a palavra que o Senhor não disse, com soberba a falou o tal profeta: não tenhas temor dele.**

(Deuteronômio 18.18-22).

**M**UITA coisa já foi escrita sobre os profetas e as profecias. Muitas discussões tentaram, às vezes, escamotear a força social e política dessa atitude, a profética, que perpassa as relações humanas na Bíblia. Muitos lêem os profetas como algo passado e que não atinge nossa época. Figuras lendárias, míticas, estranhas, bem dotadas, limpas, puras, sem nenhum defeito físico, sem problemas conjugais, isentos da miséria, de crises, de problemas como, terras, posses, e todo este emaranhado de coisas cotidianas "que nos afastam de Deus". O profeta

não é nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador, nem mágico, nem quem consulte os mortos.

O profeta é quem fala da vida, da contradição histórica vivida a cada momento pelos povos. O profeta é quem está situado numa referida classe social e dela emerge para profetizar a Palavra do Senhor. O profeta está identificado com a sua classe, com suas misérias e com suas lutas. E por isso a sua denúncia tem a força de atrair o ódio e as tramas dos seus inimigos, dos inimigos do seu povo.

## 1. O PROFETA EMERGE DO POVO

**"Suscitar-lhes-ei um profeta do meio de seus irmãos semelhante a ti, em cuja boca porei as minhas palavras e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar."**

Quando Deus elege um homem para ser seu profeta ele o marca com o seu sinal, nele deposita a sua força e, como diria Bonhoeffer, "ordena-lhe que vá e morra!"

O profeta conhece a situação de opressão do seu povo, conhece os seus inimigos, conhece as estruturas sociais e políticas que determinam a escravidão dos seus semelhantes. E quando Deus o arranca do meio do seu povo é para que sua atitude seja uma atitude de denúncia e de luta. De apelo a uma mudança radical, a uma conversão não dos "corações e dos espíritos"

mas sobretudo das situações que criam os "corações e os espíritos". Nós ainda vemos conversão como uma conversão subjetivista, medrosa, piedosa, insegura, como se Deus fosse o pai bravo e não como uma conversão que exige de nós a superação radical do medo, da insegurança e que encontre no absoluto de Deus a força da nossa luta, da nossa atitude corajosa de "criar os novos céus e as novas terras". Deus constituiu o profeta sobre as nações e reinos para "arrancar e derubar, para destruir e arruinar e também para construir e plantar" (Jr 1.10).

## 2. O PROFETA PROCLAMA O JULGAMENTO DE DEUS NA HISTÓRIA

**“De todo aquele que não ouvir as minhas palavras, que ele falar em meu nome, disse lhe pedirei contas.”**

Seria inútil enumerar os textos em que os profetas proclamam com toda sua virulência o julgamento de Deus sobre os poderosos deste mundo. Sobre os que oprimem, que roubam para lucrar, que acumulam posses e bens a despeito da miséria de muitos. Ora o profeta proclama e denuncia uma situação de classe. Há uma classe opressora e, por sua vez, uma classe oprimida.

Não acredito estar fazendo uma simplificação das coisas. Mas como entender todas as denúncias e os apelos de uma conversão radical de maneira diferente a não ser que falseemos a realidade, a não ser que não en-

caremos a verdade de frente. Somos capazes de reconhecer uma situação de violência, somos capazes de calar perante ela, somos até capazes de dizer quem são os que estão oprimidos. Mas somos tímidos e medrosos para falar quem são os opressores, quais os grupos sociais que detêm o poder e a situação de opressão. Anunciamos aos quatro ventos os oprimidos, mas falamos entre quatro paredes dos opressores. Aonde reconhecer nisto uma atitude profética? Para os que sofrem, a solidariedade “espiritual e de orações”; para os que fazem sofrer, a nossa covarde e omissa prudência?

## 3. O PROFETA FALA A VERDADE DE DEUS E DO DEUS VERDADEIRO

**“Porém o profeta que presumir de falar alguma palavra em meu nome, que eu não mandei falar, ou o que falar em nome de outros deuses, esse profeta será morto.”**

Não cabe a nenhum profeta o direito de omitir nenhuma letra, por mais forte que seja, do que Deus exige que seja proclamado e falado às claras. E o paradoxo do profeta é este: ele caminha para a morte. Se falar a verdade, sua morte virá a partir dos poderosos, dos opressores. Se falar a mentira, sua

morte virá como castigo de Deus. Esta é a proscricção do profeta: sua verdade lhe atrai a morte dos homens, sua mentira atrai a morte de Deus. Quase todos os profetas verdadeiros se conheceram por sua pouca duração histórica: Cristo durou três anos e outros menos ainda. Um profeta dura pouco.

A sua missão dura o tempo necessário de proclamar a verdade de Deus, da vingança de Deus, de denunciar as estruturas injustas e os responsáveis por seus crimes. A partir deste instante começa-se a preparar o caminho da sua morte. A verdade tem o poder de atrair o ódio dos poderosos.

O profeta que faz concessões, fala em nome de outros deuses, de outros absolutos. E seus absolutos podem ser as instituições, os estados, os governos, a ortodoxia, o prestígio pessoal, e poder e todos aqueles que o protegem e o poupam. É o profeta da MENTIRA. O profeta de Deus é um homem exposto ao risco constante, mas é um homem forte: seu coração está no abso-

luto de Deus, é o profeta da VERDADE.

Alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição; outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos ao fio da espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e cabras, necessitados, afligidos, maltratados (homens dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra. Ora, todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé, não obtiveram, contudo, a concretização da promessa.

(Hb 11.35b-39)

#### 4. O ACONTECIMENTO HISTÓRICO É O CRITÉRIO DA VERDADE DA PALAVRA DE DEUS.

**“Se disseres no teu coração: Como conhecerei a palavra que o Senhor não falou?**

**Sabe que quando este profeta falar, em nome do Senhor, e a palavra dele não se cumprir, nem suceder, como profetizou, esta é a palavra que o Senhor não disse, com soberba a falou o tal profeta: não tenhas temor dele.”**

Em suma, a História, os acontecimentos históricos são o critério da verdade profética. E não podemos nos esquecer que a História acontece publicamente. Ainda que as artimanhas dos poderosos se façam às escondidas, nas trevas, para enganar. Não podemos nos omitir de reconhecer à História esta sua função de explicitação e de critério para o julgamento do próprio profeta, da própria convivência do falso profeta. E o texto do Deuteronômio é claro no seu final: **NÃO TENHAS**

**TEMOR DELE.** Este profeta é o profeta que não deve ser temido, nem respeitado. Ele será aniquilado pela força da sua própria mentira, da sua concessão, da sua convivência. Ele e todos a quem serviu. Ele e todo o grupo humano que utilizou a sua mentira para oprimir. Ele e toda estrutura social, econômica e política que se manteve com a ajuda de sua inverdade. A História e os homens que a fazem darão conta deste recado. Deus o Senhor assim o diz.

O profeta fala da vida, da contradição histórica de cada momento. Deus o arranca do meio de seu povo para uma atitude de denúncia e de apelo a uma conversão não de "corações e espíritos", mas das condições criadoras desses "corações e espíritos". A História, os acontecimentos históricos são o critério da verdade profética. E a História acontece publicamente.

## 5. QUEM É PROFETA?

Nesta perspectiva, profeta é todo aquele — indivíduo ou grupo humano, povo — que defende a luta pelo direito dos oprimidos. É todo o que denuncia as situações de opressão. É todo o que está verdadeiramente identificado com a classe dos que sofrem, na plena expressão da sua luta, da sua vida e da sua história, imposta pela ganância e pelo poder de uma minoria. Profeta é o que colocou na verdade de Deus o seu absoluto, na construção do Reino de Deus a sua vida, nos acontecimentos históricos o critério desta verdade. É o que teme, também, o julgamento de Deus. É o que sabe que, um dia, o povo terá nos lábios a oração de louvor de Maria:

"A sua misericórdia vai de geração em geração sobre os que o temem.

Agiu como seu braço valorosamente dispersou os que no coração alimentavam pensamentos soberbos,

derrubou os poderosos e exaltou os humildes encheu de bens os famintos e aos ricos despediu-os de mãos vazias."



# documento

SENTINDO

OS SINAIS DOS TEMPOS :

Um profeta na própria terra ?

O homem religioso que grita por Deus.  
Encantamento dos jovens pela dinâmica da  
Salvação.

O supérfluo que pertence aos pobres.  
Missão profética: denunciar as maldades que  
estão aí.

Movimento ecumênico, o espírito de nosso  
tempo.

Fomos a Nova Iguaçu duas vezes. Em ambas conhecemos — melhor na segunda que na primeira — um homem simples, vestido de batina cinza. Estatura média. Rosto simpático. Olhos vivos por trás dos óculos. Falar rápido de quem é sincero. Simpatia irradiando Cristo.

D. Adriano Hipólito recebeu-nos tão bem que nem chegamos a ficar constrangidos quando, semanas após, por um providencial defeito em nosso gravador, fomos levados de volta para refazer uma entrevista que durou mais de duas horas. E foi um defeito providencial — porque da primeira vez estivemos na sede episcopal, no centro da cidade e da segunda conhecemos o Centro de Formação de Líderes da Diocese de Nova Iguaçu.

Sergipano de Aracaju (janeiro de 1918), franciscano, passou pelos Seminários de João Pessoa (Paraíba), Rio Negro (Paraná), Pesqueira e Olinda (Pernambuco). Fez Teologia na Boa Terra,

onde foi ordenado. Estudou mais três anos em Portugal. Lecionou sempre em Seminários. Nomeado bispo auxiliar de Dom Augusto (62, Bahia). Em 66 veio para Nova Iguaçu onde está estes anos “quebrando a cabeça para ver se acerta alguma coisa.” Antes do episcopado, sempre lecionando, jamais administrou, mas acha que “vai quebrando o galho... com esse desejo de trabalhar em equipe, de sentir os sinais dos tempos”, com “um certo despojamento de não se fixar muito em planos e métodos.”

Professor de Português. Literatura Portuguesa e de Música nos cursos superiores. Organista e Regente de Coro.

À medida que falava espontâneo, percebia-se nele um que deseja — em suas próprias palavras — “sentir os sinais dos tempos”. E o acompanhamos assim para apresentá-lo assim — profeta incarnado — aos leitores.



Rosto simpático.

Olhos vivos por

trás dos óculos...

irradiando Cristo.



## POPULAÇÃO E CULTOS POPULARES — SINAL DOS TEMPOS.

### **CEI — D. Adriano, a situação demográfica e social de sua Diocese, quantas paróquias?**

A Diocese de Nova Iguaçu corresponde, a grosso modo, à Baixada Fluminense, menos Caxias. Cobre os Municípios de Nilópolis, São João de Meriti, Nova Iguaçu, Paracambi, Itaguaí e Mangaratiba. Recentemente, por um acordo com Volta Redonda, Mendes também. São 50 paróquias. A Diocese fica na Baixada, tem toda a problemática da Baixada. Grande explosão demográfica, não pelo excesso de natalidade mas pela imigração. Em muitas comunidades oitenta por cento são mineiros, capixabas, do Norte Fluminense ou então do Nordeste. Às vezes mais ainda. Só numa faixa etária abaixo dos dezoito, vinte anos é que encontramos mais gente daqui.

### **CEI — E a influência dessa mistura na atividade pastoral deve ser bem forte, não é?**

De fato isto tem uma influência muito grande na pastoral, porque são pessoas que vieram de um ambiente mais ou menos tradicional em que a moldura social, por assim dizer, carregava a fé. Sentem-se desenraizados, não encontram o acolhimento da comunidade. Daí aquela procura de qualquer forma religiosa, também de uma forma religiosa muito acessível, como é justamente a Umbanda. No Rio dá-se o mesmo fenômeno. Aqui talvez a gente note mais, porque não temos grandes diferenças de classes sociais. Aqui a população é oitenta por cento de proletários e sub-proletários, como se pode ver do

aspecto mesmo da cidade de Nova Iguaçu, que, do ponto de vista de população, é a oitava ou nona cidade do Brasil. Quando se chega aqui, o centro é isso onde nós estamos: corresponderia, talvez, a uma cidadezinha de vinte/trinta mil habitantes. E no entanto são perto de 1 milhão de pessoas. O crescimento demográfico é de mais ou menos dez por cento ao ano. Em 70 eram 820.000 pelas estatísticas do IBGE, devem ser agora mais de 1 milhão. Mas a nossa cidade tem cara de subúrbio de terceira classe, por assim dizer. Ou então, noutra aspecto, é uma cidade que não cresce mas incha; cresce a população, mas não crescem os serviços públicos, não crescem os empregos. Daí essa tremenda luta pela vida. Do ponto de vista religioso, do ministério pastoral da Igreja Católica, tenho a impressão de que a Diocese chegou aqui 30 anos atrasada.

### **CEI — Por que chegou atrasada, D. Adriano?**

A Diocese estava ligada a Barra do Piraí. Aqui era a Baixada com todos os problemas da explosão demográfica, à distância do centro de irradiação que era Barra do Piraí. Por isso o crescimento só se deu, na área da pastoral católica, a partir de 1960. Naquele tempo nós tínhamos aqui talvez doze padres. (Eu digo padre, no sentido de irradiação de atividade, não no sentido de absorção da pastoral cu da religião, mas no sentido assim da irradiação). Hoje são 82 padres e, além disso, há uma participação muito grande do laicato, o que antigamente não havia, no sentido também de irradiação, de multiplicadores de atividades. Assim

mesmo houve uma decalagem imensa, entre o crescimento demográfico, o crescimento social e o desenvolvimento da igreja católica.

**CEI — Como vê o senhor essa expansão de cultos populares como Umbanda (no espiritismo) e Assembléia de Deus (no protestantismo) entre o povo?**

A Assembléia de Deus e a Umbanda têm uma notável qualidade de nivelção com as camadas simples da população. Por isso também a facilidade de acolhida, uma capacidade muito grande de aceitação por parte das pessoas, porque a pregação é naquela linguagem popular, cheia de erros de português, mas que é entendida, que estabelece logo uma situação de identidade entre o pastor, o pregador e os fiéis, os crentes. E é uma grande vantagem, porque se não houvesse essa forma popular de cristianismo acessível, então a corrida seria toda para a Umbanda, sobretudo porque, na Igreja Católica, houve uma certa modificação, uma simplificação das formas populares, por exemplo, imagens e aquela complicação toda do culto católico de antigamente. Com isso se cortou uma ligação das camadas simples da população com as formas populares de culto. Essas formas de culto popular têm uma força muito grande, não tanto pela forma do culto,

ou pelos ritos, mas pela sua maneira acessível. A Umbanda tomou aparentemente toda aquela complicação do culto católico, imagens, não sei mais o quê, incenso, aquelas histórias todas, que correspondem a uma necessidade mais ou menos entranhada e até certo ponto inata, dessa "população católica".

**CEI — Então parece que, segundo o seu pensamento, tais cultos populares estão oferecendo melhores perspectivas ao povo de que a Igreja Católica e as Comunidades Protestantes tradicionais. Acha?**

É. Na Igreja Católica o problema ficou muito mais grave porque nós reduzidos a comunidade a igreja-massa, como aquela impressão de que os sacramentos, por si mesmos, produzem todos os efeitos. Não pensamos mais nesse contato pessoal, mais ainda porque o padre absorvendo toda a responsabilidade, não se pode dar nem entregar pastoralmente. Sendo impossível ele se dar a todos, falta comunicação. A experiência de comunicação da Assembléia de Deus, da Umbanda nós a podemos realizar: criamos pequenos grupos que recebem que apóiam, e dão à pessoa que vem à Igreja sensação de fraternidade, de segurança. Acho que esta é única pista possível de renovação da nossa pastoral, em qualquer setor da vida cristã.

**CEI — Que acha o senhor dessa tendência, desse apelo de formas populares de religião ao novo? É angustiante, perigosa?**

Do ponto de vista de cristianismo, eu não vejo, francamente não vejo, porque desanimar, desesperar, ou interpretar isso com pessimismo. Porque é o homem

## Cultos populares: O homem religioso que grita por Deus, que grita por Jesus Cristo...

religioso que grita por Deus, que grita por Jesus Cristo, o Salvador. Se nós, que temos uma consciência clara, — aquele senso de Cristo de que São Paulo fala, — não encontramos as fórmulas compreensíveis, não faz mal que eles procurem outro encontro. Seria trágico se houvesse no povo uma indiferença total para com os valores religiosos. Mas o fato de procurarem nos lembra as religiões de mistério do tempo de Cristo: eram de alguma sorte “educadores para Cristo”. Também a lei mosaica era educação para Cristo, esperando a hora da graça em que Cristo fosse anunciado como Salvador. Assim, todas essas situações religiosas, essas formas do tipo da Umbanda que alimentam no homem um sentido profundamente religioso, que cultivam aquela necessidade de libertação, de salvação, são de certa forma uma preparação para Cristo. Não sei se os senhores estão de acordo. Não peço que estejam de acordo. Quando a gente se coloca numa situação concreta de disponibilidade, como elementos engajados, mesmo que se consiga multiplicar os apóstolos leigos, — quer dizer, despertar a vocação de colaboradores de Deus, de que São Paulo também fala — a gente percebe que a decalagem é muito grande para recuperar o que se deixou de fazer, decênios atrás. Mas eu creio que o Espírito Santo acompanha, dessa maneira, os fatos,

até que apareçam os anunciadores de Cristo, do Cristo realmente Salvador, Libertador, nossa Esperança.

**CEI — Dentro da situação que o senhor descreveu com pinceladas rápidas, de Nova Iguaçu, qual tem sido o modo da diocese desenvolver a sua pastoral? Quais os instrumentos, os meios, como é que isso tem sido encaminhado?**

Bom, a primeira coisa é formação, formar elementos. Também “desclerificar” o trabalho da igreja, porque durante muito tempo, não há dúvida nenhuma, na Igreja Católica, se confiou quase que exclusivamente o trabalho pastoral ao padre. O padre era, por assim dizer, o princípio e o fim do trabalho pastoral, o leigo fazia biscate. Numa festa, o leigo entrava, mas tudo se centralizava no padre. Isso é, primeiro, um erro teológico profundo, porque pelo batismo, pelo crescimento da graça de Deus em nós, se cria em todos uma situação de responsabilidade não apenas de receber, mas também a obrigação de dar, e esse dar é, em si, a pastoral. Esse dar Cristo, levar Cristo, “contanto que Cristo seja pregado”, isso é que é realmente a pastoral; anunciar o mistério da salvação. Mas se eu limito isso ao padre, esse padre, por mais que se multiplique, se sacrifique, se mate, se

**...até que apareçam os anunciadores do Cristo realmente Salvador, Libertador, nossa Esperança.**

desgaste, não consegue atingir. Quer dizer, isto que do ponto teológico é um erro, já que elimina o Povo de Deus é também erro do ponto de vista pastoral. Fica um grupinho, afastado do povo, monopolizando tudo. Essa observação se aplica aos pastores evangélicos, é claro, mas conosco o problema é muito mais sério.

**CEI — E do ponto de vista prático, isto é, de uma pastoral mais prática?**

Do ponto de vista pastoral prático, há a impossibilidade de se atingir. Ora, não se leva a mensagem sem se atingir pessoa a pessoa. Isso é indiscutível. Por mais importantes que imaginemos a imprensa e os meios de comunicação social, (a gente tem que usar e abusar deles ao máximo), nunca deveremos deixar a palavra face a face, a nossa fraternidade, o nosso relacionamento de irmãos. O sermos irmãos se transmite em todos os aspectos da nossa personalidade. Quando nós nos comunicamos, essa comunicação é feita através de gestos, através do olhar, através da posição social que substitua esse contato pessoal. Ora, se eu reservo isso apenas ao padre, aí sim, essa andorinha única não faz verão. Então a pastoral se empobrece tremendamente. Com falta de comunicação há, também, uma impossibilidade de aceitação mais perfeita da mensagem. Bom, se vou num lugar qualquer desconhecido e falo

uma palavra mais ou menos objetiva e impessoal, (porque eu não conheço quase ninguém daquelas pessoas que estão ali em circunstâncias particulares), já não há uma mensagem em sentido pleno. Por mais evangélica que seja, corre o perigo de passar por cima, de não corresponder à situação concreta do homem que está ali sofrendo, que está vivendo a sua vida, os seus problemas.

É preciso que haja uma identificação muito maior entre aqueles que anunciam e aqueles a quem a palavra de Deus é anunciada. Somente assim é que nós poderemos conservar a comunidade, igreja, fiéis mais ou menos estáveis.

**CEI — O senhor não acha que, mesmo assim, há o perigo dessas comunidades se tornarem grupos fechados com a única preocupação de anunciar a Palavra?**

Há sempre um perigo do grupo fechar-se. O Evangelho não aceita que o grupo se isole, que se feche e deixe de ser a mensagem aberta, (que a salvação é para todo mundo), aberta para todos. Há sempre o perigo de as igrejas cristãs, — quando chegam a uma fase de grande vivência — se fecharem. Uma das tentações! Fora esse perigo, a solução para mim seria formação de comunidades que recebam, que atuem como irmãos para aqueles que nos procuram. Sem a preocupação da conversão em primeiro lugar. Nós somos instrumentos de conversão, nada mais; depois de fazermos o que devemos, não passamos de servos inúteis. Não tenho a menor dúvida sobre isto. Os protestantes põem uma insistência grande na conversão. Eu digo isso com simplicidade, sem qualquer crítica. De fato é o Espírito Santo que converte no diálogo

de amor com a pessoa que se abre. A conversão se dá aí. Nós somos apenas instrumentos. Instrumentos humildes. Instrumentos frágeis. Vasos frágeis. Vasos de barro sempre dispostos a se quebrarem. Então, minha alegria é poder colaborar nesse anúncio da salvação, sem nunca poder determinar, nem nunca me preocupar demais com o resultado da mensagem. A minha preocupação deve ser: como é que eu prego essa mensagem? como identifico também a mensagem com o testemunho da minha vida? como essa mensagem se apossa de mim de tal maneira que me transforme e essa transformação seja uma confirmação da palavra que anuncio? Bom, assim é mais provável que a conversão se dê. Mais provável. Não devemos viver preocupados demais com o resultado. Eu tenho insistido muito neste ponto: que a gente não se preocupe demais com os resultados. O Espírito Santo é realmente o gerente da história toda, nós somos realmente modestos empregados. Não tenho a menor dúvida. Quer dizer: não devo assumir aquilo que não está no meu poder. Está no meu poder esta autenticidade da mensagem, quer dizer, que eu realmente comunique aquilo, aquela vivência que a graça de Deus conseguiu produzir em mim.

**CEI — Agora, essa preparação de que o senhor falou, dos elementos que vão realizar a pastoral. Como se faz tal preparação?**

Esse tipo de renovação se dá especialmente através dos padres mais conscientizados. Procuram comunicar idéias aos leigos que querem colaborar. A preparação técnica é feita a partir de textos bíblicos, em

grupos de pessoas que se reúnem todas as semanas, em casas particulares. Há grupos de reflexão e de oração, mesmo aos domingos, independentemente da liturgia oficial. São grupos abertos. Há também os cursinhos da cristandade. Muitas pessoas os fazem. Há ainda os cursos de “dinâmica cristã”, uma aplicação da dinâmica de grupo que nasceu aqui. Em vez de apresentar exclusivamente técnica, dá-se conteúdo. E esse conteúdo é a mensagem de salvação. Esse método é levado a muitas partes do Brasil. São cursos de três ou quatro dias, de muita intensidade e que têm uma aceitação enorme. O problema está em como fazer esse negócio funcionar depois do curso. Apesar de tudo, tem sido um caminho muito prático para essa renovação e para o engajamento de leigos que desejam trabalhar.

**CEI — Qual tem sido a receptividade por parte da Igreja, a esse trabalho de preparação?**

Sem se preocupar com o problema da conversão, do resultado, da aceitação, a receptividade é muito boa mesmo. Na pastoral de batismo, por exemplo, ou na da eucaristia, do casamento, dos sacramentos em geral, há, um aproveitamento muito grande. Antes, fulano trazia o filho para batizar, sem conhecer o vigário, sem conhecimento de religião, do mistério da salvação. Só pra batizar. Com a nova dinâmica, a pessoa adquire conteúdo, quer participar, não apenas receber.

Por parte dos mais jovens então chega a ser encantamento. Eles estão encantados. Depois espalham-se por muitos lugares levando essa dinâmica cristã.

**CEI — Nós sabemos que o conceito de salvação, de que o senhor sempre fala, é importantíssimo na dinâmica da vida cristã, e em função do que a gente vive, e do que a gente entende por salvação. São dois conceitos interligados e muito importantes. Nós queríamos saber do senhor realmente como é que essa coisa se faz, como o senhor a entende.**

Há muitas palavras bíblicas pra significar essa novidade da vida em Cristo, essa geração nova de que Cristo fala a Nicodemos, esse mundo novo, essa terra nova já prevista pelo profeta. Eu creio que tudo isso significa Reino de Deus; essa purificação, essa santificação do pecado através da nossa boa vontade em responder positivamente à Graça de Jesus Cristo. Evidentemente esta salvação, que nós chamamos de libertação, santificação e outras palavras bíblicas, se realiza na vida terrena como início do Reino de Deus, num processo lento, doloroso, marcado de vaivéns talvez, porque o pecado não morre completamente em nós. Mas justamente essa fidelidade à graça, essa humildade em aceitar nossa condição humana, sem perder a esperança de uma libertação total, numa perspectiva escatológica, justamente isso é que é

a libertação, a salvação. Não é salvação depois da morte. Isso foi a grande tentação, pelo menos entre nós, católicos: colocar-nos diante deste mundo numa posição antagônica ou dialética. Ou então de jogar a santidade para os conventos: só dentro dos conventos é que se realiza a santidade. Isso realmente é uma grande tentação pra muita gente ainda. Há gente que chega assim: "O senhor podia rezar na minha intenção que a sua oração vale mais." Por que vale mais?

**CEI — Realmente, D. Adriano, entre os protestantes também existe essa mentalidade de valores e créditos diante de Deus. Seria bom que desenvolvesse mais um pouco essa idéia.**

Ser padre é serviço, não é merecimento nem é privilégio, é serviço. Então não é pelo fato de eu ser padre que a minha oração vale mais. A minha oração vale mais se eu sou cristão integrado no ministério de Jesus Cristo. Então tanto faz minha oração de padre como a do leigo, do ponto de vista do valor, porque a minha proximidade do mistério funcional não me dá nenhuma situação privilegiada junto a Jesus Cristo ou ao Pai. De maneira nenhuma. É serviço da comunidade. Então é na base do meu cristianismo, enquanto eu aceito da maneira mais aberta possível, mais dócil possível a graça de Jesus Cristo,



que eu podia dizer assim: minha oração tem, pela sua integração na oração de Jesus Cristo, algum valor. Não pelo fato de uma função que eu exerço. Isto é secundário.

Agora, esta idéia dentro da igreja católica é muito antiga. O Livro de São Francisco de Sales, do século XVI, a "Filotéia — introdução à vida devota" — é justamente isto: o esforço de demonstrar que é possível e necessário a pessoa santificar-se onde ela exerce sua profissão na vida; não é preciso abandonar a vida, a profissão, recorrer a fórmulas monásticas para poder se santificar, para poder se libertar. A libertação é dada no condicionamento da vida de cada dia. Ai realmente é que se dá a perfeição cristã. De maneira que uma dona-de-casa no cuidar do marido, no cuidar dos filhos, das panelas, da comida, da costura, realiza a sua vocação cristã. Contanto que

ai incarne os dados evangélicos da fé, perspectiva da esperança que será realizada, o amor fraterno, a caridade como caridade fraterna, a lealdade e outras virtudes como a paz, a procura da unidade, a capacidade de sofrer, de servir, etc. Essas ações todas da vida de cada dia são a matéria prima da santificação enquanto ai se coloca a marca de Jesus Cristo.

**CEI — Passando para o campo prático, como isso repercute na vida da paróquia, na relação do padre com a paróquia e dos próprios elementos leigos na vida da paróquia?**

Tem havido uma aproximação muito grande entre o padre e as pessoas engajadas. Entre os leigos também. Depois também um despertar de responsabilidade nesses grupos, que antes não faziam nada. Ou faziam

biscates. Agora querem assumir. Têm a preocupação de assumir. Antes, a missa que o padre celebrava, era tudo. Não havendo missa, nada feito. As igrejas protestantes não têm a missa, mas têm a Palavra de Deus e isso as agüenta, sustenta. Daí podemos tirar conseqüências: Também sem o padre, sem a missa, é possível uma comunidade ser alimentada pela Palavra de Deus. Tenho insistido nisso. Há dificuldades. Tudo na Igreja Católica vem marcado pela missa. A missa é o quebra-galho pra tudo. Não há missa, não há nada. É isso que eu tenho aproveitado das igrejas protestantes: outra concepção de culto e também de ministério. Uma nova valorização ou mesmo um desmonte dos ministérios tradicionais e, em decorrência, a valorização necessária dos leigos. E a possibilidade de fazer uma infinidade de coisas, partindo da Palavra de Deus.

**CEI — Agora nessa reunião de leigos, nesses encontros dominicais, eles têm algum tipo de preparação ou existe um certo espontaneísmo no trabalho?**

As duas coisas. A meu ver, não devemos exagerar esta formação, senão vamos cair totalmente naquele círculo vicioso de estudos, etc., etc. A meu ver, a gente dever permitir criatividade e não bitolar toda atividade cultural. Com certeza descobriremos aí alguns que sentem realmente a necessidade de formação. Para corresponder a essa necessidade, temos vários cursos em andamento. Temos escolas em Itaguaí, em Belford Roxo e noutros lugares. No momento são quatro escolhinhas de formação, para esses elementos da comunidade. Mas que partiram de uma necessidade sentida por eles mesmos.

**CEI — Quer dizer que eles já estavam engajados no trabalho e sentiram a necessidade de uma formação que atendesse às exigências do trabalho?**

Sim. Também na preparação para os sacramentos, para o batismo, para o casamento, para a primeira comunhão, para a eucaristia das crianças. Geralmente são leigos que dão preparação. Já estamos fazendo isso desde 67. Nas primeiras tentativas tomamos pessoas que já estavam trabalhando. Mas aí se notava a falta de preparação. Na explicação dos sacramentos da Igreja, da Palavra de Deus, do mistério da Igreja, não tinham a preocupação de ensinar que os sacramentos só têm sentido enquanto se inserem na comunidade de Igreja. O meu crescimento não se dá através de sacramento isolado, mas através do sacramento da Igreja. É através da Igreja que eu cresço. Quando eu cresço toda a Igreja cresce, e quando toda a Igreja cresce eu cresço. Isto é abertura, certamente. Os sacramentos me põem dentro do mistério da Igreja, do mistério da salvação. Daí a força deles. No princípio muitos daqueles que davam a preparação ficavam na exterioridade do sacramento, da palavra, das cerimônias. Mais uma vez formalizavam o mistério. Muitos não estavam à altura, só faziam trocar uma formalidade por outra: continuavam a trabalhar no formalismo. Ainda há pouco, na reunião do clero, se propôs uma revisão total da nossa pastoral sacramental. Temos que revisar tudo novamente.

A título de sugestão lembrei que, aqueles que se dão à formação, à catequese, à preparação para os sacramentos, saibam realmente o que é o sacramento



dentro da Igreja, o que é a palavra dentro da Igreja, o que é o batismo dentro da Igreja, o que é a comunidade dentro da Igreja. Este esforço não nos deve dar a impressão de segurança, como se tudo estivesse funcionando. Não. Aqui nós agimos sempre em espírito de renovação. Acho que isso é profundamente evangélico. Um tema predileto de S. Paulo é renovação. É motivo que está em todas as suas cartas, em toda parte. O homem novo, segundo a graça. A gente pode abrir S. Paulo onde quiser que o tema é renovação.

**CEI — Como é que essa pastoral, que agora não envolve só clérigos mas envolve também serviço dos leigos, como é que se expressa não somente na comunidade eclesial mas no mundo?**

Foi muito bem empregada essa palavra serviço. A nossa missão é missão de serviço. Tem autoridade mas autoridade de serviço. Precisamos querer que toda a nossa vida cristã se realize na base de serviço. A finalidade da nossa vida cristã é dar colaboração, participação no plano do reino de Deus, que quer que todos os homens sejam salvos. Então o critério para avaliar o meu cristianismo, todas as minhas atividades pastorais, também os sacramentos, toda essa riqueza multiforme da igreja, está no espírito de serviço aos irmãos.

Eu gosto de falar de um ministério fontal que alimente o ministério do testemunho e o

ministério do serviço ou da participação. O ministério fontal seria toda a riqueza interna da Igreja que só ela tem: a Palavra de Deus, a Eucaristia, os Sacramentos; toda a vida de oração, as virtudes, as estruturas externas da Igreja, (que devem sempre apresentar uma mensagem de salvação). Obras, promoções não são realizadas para vaidade do dirigente. São formas de serviço. Nessa riqueza da Igreja está o desafio do amor de Deus.

**CEI — O senhor pode nos dizer como tem sido feito aqui o trabalho da pastoral em relação às classes mais pobres, e que reação tem havido em outras camadas da população da Diocese de Nova Iguaçu?**

A população de nossa área, como eu disse, é uma população proletária, sub-proletária, de maneira que é com essa gente humilde que nós contamos nos trabalhos pastorais. E há, de fato, uma correspondência grande. É uma população religiosa que procura a igreja católica, ou diversas denominações evangélicas, também a Umbanda, o espiritismo, mas que tem fome de Deus. Tanto pela sua condição natural de religiosidade, como também pela origem nordestina, capixaba, mineira, etc. Aqui faltou à Igreja Católica uma pastoral de acolhimento. As pessoas que vêm de fora, de áreas católicas, do catolicismo tradicional, mas em todo caso um catolicismo que as carregava e que lhes

satisfazia, aqui não encontravam nada. Sem chorar o tempo passado e sem lamentar formas religiosas, é nossa obrigação por parte da Igreja Católica procurar caminhos e métodos, que correspondam a essa necessidade de Deus. Já falei dos grupos de reflexão bíblica e dos cursilhos. Aqui, em Nova Iguaçu, os cursilhos atingiram sobretudo as classes humildes em contraste com outras dioceses onde pegaram a classe "A". Aqui é a classe humilde sobretudo. Depois também com a participação na catequese, em cursos de formação e de conscientização, (formação para agentes de pastoral), essa classe humilde tem dado realmente resposta posi-

tiva. É uma alegria ver como grupos de trabalhadores que vêm da Guanabara, às oito ou nove horas da noite, ainda se dispõem a participar desses cursos. Quando se chega à classe "B", superior, e à classe "A", nota-se disponibilidade também de muitas pessoas, mas com a dificuldade imensa de o evangelho romper a casca burguesa, o conforto, a instalação, para levá-los a conseqüências práticas em sua inserção cristã na vida, na realidade temporal. De maneira que, nessa faixa, os resultados não são assim muito satisfatórios. Isto aliás corresponde a uma situação evangélica; o Evangelho é anunciado aos pobres. São os pobres que o aceitam.

## UMA HISTÓRIA — SINAL (DOS TEMPOS) DE INJUSTIÇA

DE COMO UM OPERÁRIO É DESPEDIDO E, DEPOIS, READMITIDO. UMA PEDREIRA COM NOME DE SANTO NÃO MUITO SANTA. UMA "FOLHINHA DANADA" QUE SE METE E MUDA OS ACONTECIMENTOS.

**CEI — O senhor podia contar pra gente o acontecimento numa pedreira que A Folha desta diocese publicou? Pode contar?**

Foi o Frei Luís, que foi atender esse homem que estava realmente numa situação difícil, quem contou a história: como foi despedido da pedreira. De uma pedreira que tinha nome de santo. O INPS tratou-o durante algum tempo. Depois, por medidas de economia, não quis mais continuar o tratamento. O homem se viu no olho da rua. Bom, o Frei Luís então, anonimamente, (porque só eu assino

um artigo na **Folha**), publicou a notícia fazendo uns comentários, nos quais dizia que os donos eram católicos, freqüentavam a missa, tinham uma pedreira com nome de santo. Sucede que aqui há duas pedreiras com nome de santo. Justamente a pedreira que estava em questão não reagiu, a outra é que reagiu, e julgou prejudicada a sua boa fama. Num movimento natural de protesto, a família me dirigiu uma carta, pedindo reparação. E publicou-a nos jornais. A reparação foi dada. **A Folha** posteriormente destacou o fato de que apareceram muitas pessoas revoltadas contra o pretenso envolvimento da

pedreira inocente, mas não apareceu nenhuma voz de protesto contra a exploração de um homem. Depois disso houve quem tivesse compaixão do homem, tanto assim que Frei Luís foi, anônimo ainda, visitar o homem, sem ele saber de quem se tratava, e o homem disse: "Que **Folhinha** danada essa de Nova Iguaçu! Foi citar o meu caso e agora é gente assim interessada por mim, inclusive pra me ajudar." O patrão foi lá e o readmitiu. Tudo em função dessa notícia, dessa denúncia dada na **Folhinha**.

A gente aí pode ver que não devemos subestimar os nossos recursos, por mais frágeis que sejam. Eu tenho a impressão também, de que, na vida da igreja, deve valer, como elemento essencial, dinâmico, mas também essencial e constitutivo, o despojamento e a fraqueza.

**CEI — Quer desenvolver mais essa sua idéia de valor essencial, constitutivo da fraqueza, de despojamento?**

Eu sempre penso no Cristo do presépio e no Cristo da cruz. Bom, pra nós católicos eu acrescento mais uma coisa, Cristo na Eucaristia. O que é uma triplice fraqueza total. São pontos culminantes da missão de Jesus Cristo, (os dois primeiros naturalmente, na sua vida histórica e o outro na sua vida misteriosa na Igreja), em que Cristo aparece num despojamento total, completamente à mercê da vontade do homem. A criancinha no presépio. Na cruz: "Meu Pai, por que me abandonaste?" Ali está Cristo num despojamento total, inclusive nu, (como sinal externo do despojamento interior). Esse despojamento e fraqueza encontra-se também na sua Palavra, que é uma Palavra frágil. Mas quando um de nós fala a Palavra de Jesus Cristo,

que é, em última análise, a própria palavra incarnada, o próprio Cristo, os tiranos têm medo, tremem. Daí porque não devemos imaginar uma Igreja dominadora, uma Igreja prestigiada. Eu creio que, quanto mais essa Igreja se sentir pobre, despojada, fraca, tanto mais chances ela tem de ser fiel a Jesus Cristo. É como S. Paulo diz: "Ele não se julgou cioso de sua divindade mas se despojou tornando-se em tudo igual a nós, exceto no pecado."

**CEI — Como o senhor vê a ação dos cristãos nesse processo de libertação do seu irmão oprimido? Tal necessidade de ação existe por fazer parte do conteúdo do evangelho ou por causa de alguma força ou influência de fora como do marxismo, por exemplo?**

Se a gente quisesse assim olhar a influência do marxismo na renovação ou realização da justiça social, não há dúvida nenhuma de que a influência é máxima, não há dúvida nenhuma de que uma das grandes forças dinâmicas da humanidade foi o marxismo. Como no século XVIII foi a Revolução Francesa, com as idéias democráticas, assim agora, com as idéias sociais. Se a gente olhar bem o livro básico, **O Capital**, o que há aí de mais positivo supõe cristianismo. Ali, com pano de fundo pagão, não é possível essa procura de justiça social. Marx se considerava ateu embora tivesse uma formação protestante. Era judeu de origem mas de formação luterana. Abandonou o cristianismo, mas, no fundo no fundo de sua mensagem, está presente de fato uma mensagem evangélica, que supõe o respeito à pessoa humana, a vontade de tornar o homem feliz, uma dedicação ao outro, ao mais fraco, ao

explorado. Nós podemos receber muitas sugestões dessa literatura marxista, mas podemos ir, direto, também à fonte. Creio que, como cristãos, temos que ir à fonte e na fonte nós encontramos todos os elementos suficientes para uma justiça social que, acentuando ou aceitando os valores materiais, não esqueça a perspectiva de eternidade, que é justamente a grande falha em Marx. Marx pára nas coisas terrenas. Nós aí não podemos parar. É impossível imaginar que a felicidade do homem se complete e se acabe somente nesta existência. Há um outro nível de felicidade do qual essa felicidade terrena é apenas uma imagem pálida, sujeita a toda espécie de fracasso, desgaste... Não precisamos de maneira nenhuma, apesar de todas as sugestões e acenos que numa filosofia de ideologia marxista poderemos encontrar, não precisamos olhar apenas para Marx. Devemos ir, como cristãos, antes de tudo, às fontes do Evangelho e da Salvação.

**CEI — Parece que o cristianismo por medo ao marxismo e fuga, acabou deixando essa "fonte puríssima" de lado e se descuroou de uma dimensão universal da salvação, não acha?**

Agora, a tragédia é esta: é que o nosso cristianismo muitas vezes se esgota em burocracia e formalismos de tal maneira que a palavra de Jesus Cristo não tem aquela força de conversão que a gente, por hipótese, devia

admitir em cristãos. O processo de conversão é contínuo. Minha conversão é um processo de cada dia. Cada dia eu recomeço. Cada dia eu me sinto desafiado pela tentação da carne, tentação do dinheiro, tentação da violência, esta triplice tentação que São João chama "concupiscência dos olhos, concupiscência da carne, soberba da vida": dinheiro, violência e sexo. Eu sei que cada dia que eu começo está marcado por esta triplice tentação, mas sei também que há a esperança da vitória da graça em Jesus Cristo. Então esta conversão inicial, esta conversão de cada dia, como um processo de libertação durante minha vida, me devia também abrir para as necessidades de meus irmãos. Aqui a dimensão comunitária da existência humana, como ainda mais da existência cristã e por isso uma abertura para a necessidade dos meus irmãos.

Aqui um aspecto. Eu ganho dinheiro? esse dinheiro é dinheiro comunitário. Não é assim que o dinheiro pertence a mim somente. Já os Padres da Igreja primitiva diziam: "O supérfluo pertence ao pobre". Supérfluo é aquilo que sobra depois de minhas necessidades normais. Posso admitir o supérfluo maior conforme as diversas classes sociais, certo, mas há realmente alguma coisa que ultrapassa as necessidades normais de uma família. Então realmente isso aí tem uma função social. Infelizmente são poucos os cristãos que aceitam na vida prática essa teoria dos santos padres, padres primitivos, que é uma decorrência do evangelho

**CEI — O senhor não acha que nessa situação em que vivemos, o supérfluo é reinvestido? Aquilo que seria considerado supérfluo é jogado para que aumente o supérfluo cada vez mais e nunca sobra o supérfluo para os pobres, como os padres apóstólicos recomendavam?**

Aqui está justamente a deformação de nossa visão cristã, porque se reinvesto para mim mesmo, bom, não estou absolutamente agindo como cristão. O que não conhece a Jesus Cristo, o pagão, procede assim. Agora eu, marcado por Jesus Cristo, a partir do meu batismo, em toda essa seqüência de graça a vida toda, não chego à convicção de que devo fazer outros felizes, não como um favor, mas como uma obrigação? Essa é a

palavra de Jesus, que todos conhecemos. "Vocês são a luz do mundo, brilhem as suas boas obras diante dos homens, de tal maneira que eles vendo, glorifiquem o Pai que está no céu".

Aí está uma função missionária, função comunitária de toda a minha personalidade cristã e também do dinheiro que é meu, (é meu num certo sentido). Mas esse dinheiro, esses recursos que eu consegui, não foram conseguidos só pelo meu esforço; foi obra de uma multidão imensa de pessoas colaborando para que esse dinheiro, essa matéria prima do trabalho e capital produza lucro. Na concepção cristã, desse lucro deviam também participar, de uma forma ou de outra, aqueles que me ajudaram. Mesmo que não me ajudassem, eu deveria ter sensibilidade para as necessidades dos que sofrem e, a partir da fraternidade cristã, deveria ajudá-los.

---

### **"O SUPÉRFLUO PERTENCE AOS POBRES" — DIZEM OS MESTRES DA IGREJA PRIMITIVA.**

**CEI — Isso é bem difícil. Essa conversão é dura, não acha?**

Sim. É bem difícil convencer os que têm dinheiro dessa verdade. Podemos, entender o que o Nosso Senhor diz: "Como é difícil ao rico entrar no reino dos céus." A verdade continua verdade, porque essas classes têm toda uma argumentação sofisticada, toda espécie de sofismas para justificar porque é que não fazem o que deviam fazer como cristãos. Eu digo isso para cristãos, quando eu falo assim. Um exemplo: acho um escândalo tremendo, aqui na nossa comunidade, comunidade de proletários, de gente que luta pelo pão de cada dia (esse

"pão que o diabo amassou", porque não é possível ter pão de cada dia, com o salário mínimo, para sustentar uma família), haver um cristão aqui, de alto nível social, que compra, cada ano, o carro mais caro, a última palavra em carro e anda circulando dentro de uma cidade de miséria. Não vejo como combinar isso, de maneira nenhuma, com o Evangelho. Se fosse um pagão, respeitava-se, porque o pagão não tem essa obrigação comunitária como o cristão, mas o cristão que é fundamentalmente irmão dos seus irmãos não pode esbofetear Cristo, esbofetendo assim, publicamente, os irmãos mais necessitados.

**CEI — O senhor quer desenvolver um pouco mais esse problema de esbofetear Cristo com essas ostentações?**

Olha, isso aí está naquele trecho de São Mateus (cap. 25), quando Cristo diz que o critério do julgamento é realmente o amor fraterno. A gente pode discutir se aquilo foram palavras de Jesus Cristo, as chamadas "ipsissima verba Christi" ou se são interpretação da Igreja depois da ressurreição. Pode-se discutir, mas que é o espírito de Jesus Cristo, é, quando ele diz: "Benditos de meu pai, venham participar do reino que está prometido desde o princípio do mundo, porque vocês me viram com fome e me deram comida, me viram nu e me vestiram." E por isso mesmo, o critério que ele estabelece é: "o que vocês fizeram a meus irmãos mais pequenos, fizeram a mim." Cristo se identifica com eles. E este é o motivo para alguém entrar e participar do reino, como para ser excluído dele: "Vocês me viram nessa situação difícil e não me ajudaram." Jesus Cristo coloca a nossa inserção nas realidades temporais, sobretudo no que diz respeito ao irmão mais fraco, explorado, como condição de participar do Reino de Deus, de receber, no fim, a coroa de toda esta purificação, deste processo de purificação através da nossa vida. Eu não tenho dúvida nenhuma sobre minha obrigação fundamental de cristão de fazer pelos irmãos, o que eu posso fazer pelo irmão seguindo a carne.

Agora, convencer, convencer muita gente disto não é fácil. Esta é a grande tragédia. Então, se eu maltrato um irmão — esse irmão com o qual Cristo se identifica, — eu estou esbofetendo Cristo, eu estou maltratando Cristo. Eu não vejo como

fugir a essa colocação do Evangelho. Quando alguém reflete, em todo o seu ritmo de vida, e não tem nenhuma sensibilidade para com o irmão mais fraco, eu não sei como o cristianismo se pode ainda aí afirmar.

**CEI — Como o senhor vê a ação dos oprimidos para terem uma participação numa vida mais digna, mais humana?**

Uma solução de conformidade que já foi muitas vezes apresentada como solução, a meu ver não é solução evangélica. Eu só posso me conformar e entregar à divina providência, quando esgotei todos os recursos possíveis que estariam em minhas mãos. Até que ponto o homem cristão pode chegar a uma posição extrema, é discutível. Vamos ver o caso do Camilo Torres. Eu não posso dizer que aquela seja a norma de protesto, de contestação do cristão, a norma, mas compreendo que alguém chegue a uma situação de extremo desespero, tomando uma atitude extrema. Nunca julgaria aquilo como norma, mas posso imaginar que o cristão não se pode conformar simplesmente com a situação, com o "status" e dizer que isto é vontade de Deus, como sucedeu tantas vezes. Uma igreja engajada numa estrutura social achava que devia defender a estrutura porque defendia a própria pele. Acho que isto não é possível. Até que ponto agora o homem cristão pode avançar e chegar a uma situação extrema, eu não sei dizer realmente.

**CEI — Com relação à nossa situação, o senhor poderia dar alguns exemplos concretos?**

Numa situação como a do Brasil, eu creio que há inúmeras possibilidades que nós não aproveitamos. Por exemplo, a sindicalização. A lei do País existe aí com muita coisa boa, e no entanto nós nos acovardamos de entrar nessa faixa porque facilmente podemos ser acusados de subversivos. Temos realmente uma defesa nas leis. Temos assistência social. Num artigo da revista "Visão" há um tremendo libelo contra o INPS. Como é possível acontecer o que está acontecendo aí e nós calamos a boca porque não sofremos na nossa carne, já que somos elite de igreja. Também, muitas vezes, nós que recorremos a situações privilegiadas, ou a pistolões, ou a outras coisas, não vemos essa massa imensa de gente humilde, sacrificada pelas filas, pelo mau atendimento. E a nossa missão profética? Não somos a palmatória do mundo. Não somos os que resolvem todos os problemas. Mas podemos ser aqueles que clamam no deserto, mas clamam. Porque não é a mesma coisa eu clamar, gritar, protestar a partir do evangelho, mesmo sem possibilidade de resultado, e ficar calado.

**CEI — O senhor agora está dizendo isto a nós. Gritar mesmo que seja gritar no deserto. Talvez o senhor pudesse falar mais sobre isto, de nós explorarmos as possibilidades que realmente não têm sido exploradas.**

Bom, se a minha palavra de ministro contasse necessariamente com o resultado, faltaria a marca da cruz de Cristo, então seria a mesma coisa que eu

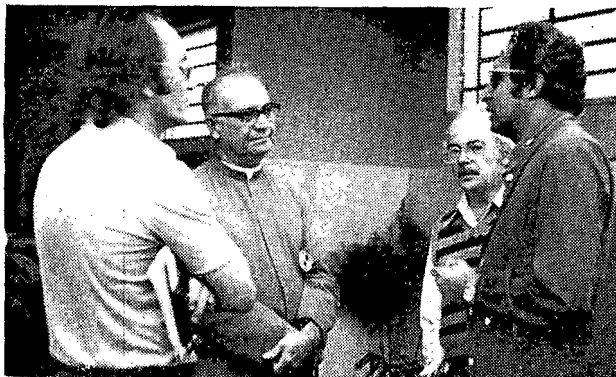
**O profeta é um homem  
marcado pelo fracasso,  
situado  
entre dois fogos.**

ir à casa comercial, dar aí dez cruzeiros e receber a mercadoria. Essa mercadoria é entregue em função do dinheiro. Então temos um resultado mais ou menos garantido. Com Deus não é assim. A palavra de Deus é uma palavra que respeita a decisão pessoal e, por isso, tem essa fraqueza, uma fraqueza inerente ao fato de ela depender da decisão dos outros. Eu não posso, de maneira nenhuma, imaginar que a minha obrigação de pregar, de anunciar a Jesus Cristo deva necessariamente levar a resultado concreto. E, no entanto, eu tenho de anunciar "Aí de mim se eu não pregar!" Não interessa se essa pregação chega a resultado, na minha obrigação de anunciar. Essa é a missão profética. O profeta é um homem marcado justamente pelo fracasso. Nenhum profeta consegue convencer. Isaías fracassou. Jeremias fracassou. Todos eles fracassaram, e no entanto, ficaram fiéis. Chamaram a atenção do povo para os seus pecados.

**CEI — Em artigo que estamos publicando, Frei Paulo César diz que o profeta é um homem que caminha para a morte. Se fala a verdade é morto pelos poderosos, pelos opressores; se fala a mentira, o castigo vem de Deus. Que diz o senhor?**

Quer dizer, é um homem situado entre dois fogos. O anúncio do evangelho não é privilégio, é

Da esquerda: Frei Luís (diretor do Centro), D. Adriano e dois do CEI.



obrigação. "Ai de mim se eu não pregar!", é o que São Paulo diz. Eu me sinto forçado. O amor de Cristo me força a pregar. Se eu medir a minha pregação pelos resultados, eu deverei entregar os pontos. Aqui vem a idéia de Martin Buber — "não há na Bíblia Sagrada nenhuma passagem que diga que Deus é o Deus do bom êxito" — Não. Cristo aparece como o Deus do fracasso. É só a gente olhar, sobretudo o evangelho de São João: "e ele veio para os que eram seus e os seus não o receberam." Esta palavra do prólogo, está em todo o evangelho de São João. O fracasso total de Jesus Cristo, da sua missão perante os homens de seu tempo. Esta missão de Jesus fracassado perante os homens de seu tempo é típico para a trajetória do evangelho através dos tempos. Quer dizer: essa vida de Jesus Cristo, a sua vida histórica, ou a existência do Evangelho. De maneira que nós temos que aceitar isto. No entanto, alimentados pela esperança, — e aqui está justamente a grande diferença entre certas ideologias e o cristianismo — nós temos a certeza de uma vida nova, mesmo que os fracassos aqui sejam freqüentes,

tão repetidos. Nós sabemos que para lá dos fracassos há algo definitivo. Para o marxismo e outros não: se isto aqui fracassar não tem nada pra trás. Que esses conseguem materialmente uma série de vantagens, não há dúvida, essa dinâmica da violência, da coação, do absolutismo total do Estado, conseguem êxitos porque forçam todos os homens a agirem na mesma direção, mas quando chegam no elemento fundamental do homem que é o desenvolvimento em liberdade, a criatividade espontânea, esses valores transcendentais, nada. Agora, de outro lado, eu acho que todas essas ideologias sobretudo o marxismo, têm um papel enorme de polarização e por isso também de acusação para o nosso cristianismo.

**CEI — Essa idéia é interessante. O senhor quer esclarecê-la mais um pouco? Por que "acusação para o nosso cristianismo?"**

Por quê? Se nós olharmos as vitórias dos trabalhadores no século passado, não foram conseguidas por nenhuma denominação cristã. É uma tragédia, não é? Nem protestantes, nem



católicas. Foram, realmente, os socialistas e os marxistas que as conseguiram. Que coisa tremenda, que esse poder do Evangelho que nos devia motivar para uma ação muito mais decidida a favor da justiça social, nos encontre, acomodados, instalados, de maneira que perdemos a sensibilidade para as injustiças sociais. É preciso então que venha alguém por detrás e jogue contra nós essa acusação de que não fizemos nada, e procure fazer, por esperanças passageiras, ou esperanças muito limitadas, aquilo que devíamos fazer com esperança definitiva. Veja-se, todo este movimento: oito horas de trabalho, trabalho da criança, defesa da mulher, a semana de 48 horas, descanso semanal, tudo isto nasceu fora do cristianismo, quer dizer, fora das igrejas instituídas. Tudo nasceu da reivindicação de grupos afastados de igrejas. No entanto atrás disto, há realmente influência da mentalidade cristã, que se desvinculou de Cristo, e do Evangelho, que começou a agir independentemente e então se transformou em ideologia.

**CEI — Como o senhor vê a ação de Cristo fora da instituição, vamos dizer, o Cristo que age fora da religião oficial?**

Que Jesus Cristo, que o Espírito Santo age também fora da instituição isso é evidente. “A casa de meu Pai tem muitas moradas.” Agora como é que ele age, eu não sei. Eu aceito a Igreja como é, com todas as suas falhas, com as suas virtudes, como

se manifestam também nas outras igrejas cristãs. Como a aplicação do Evangelho se faz de acordo com os tempos, há uma necessidade de reinterpretação contínua. A Igreja não se deve voltar para o passado — Igreja, “peça de museu” — nem pensar que a interpretação do primeiro século, por exemplo, é interpretação definitiva. Tenho a impressão de que o Espírito Santo age na Igreja, nas pessoas de boa vontade, de coração aberto, de coração de criança, dentro da situação humana, sociológica, concreta do tempo. Aí é que se realiza o evangelho também. Há sempre necessidade de reinterpretação (não se trata de criação nova). Reinterpretação quer dizer: aplicação do Evangelho, tradução do Evangelho em termos de nosso tempo e lugar. Não é possível a gente fazer aqui na Baixada a mesma aplicação do Evangelho que talvez se faça nos Estados Unidos, na Alemanha. Não vejo como. Nós temos de tentar aqui uma aplicação condicionada à problemática, à necessidade do homem que está aqui. Não é o homem europeu, o homem alemão, o homem americano que está aqui com a sua problemática. Também na pastoral há o perigo imenso de a gente transportar problemas de lá para cá. Enquanto lá talvez seja oportuna uma reformulação, reinterpretação de alguns dados existenciais da Igreja, aqui talvez não seja, porque o problema não existe. A meu ver, é uma falsificação, — tipo novo de clericalismo, — criar problemas onde os problemas não existem.

**CEI — Comblim diz que esse catolicismo sofisticado liberal da Europa, inclusive, foi responsável pelo distanciamento da Igreja do povo. Porque talvez as formas mais arcaicas de catolicismo, de cristianismo, apesar de todas as possíveis falhas que possuíam, estavam mais próximas do povo do que esse catolicismo, esse cristianismo sofisticado europeu.**

Exato. Creio que isto é verdade.

**CEI — No trabalho pastoral, o senhor sente a necessidade de que o povo tome consciência de sua situação política para poder agir? testemunhalmente, martirialmente nos seus meios? e, sentindo isso, como é que o povo tem recebido as possibilidades de uma abertura para a sua verdadeira atuação política, especificamente em nosso país?**

Aqui há uma dificuldade porque, no exercício de missão profética da Igreja, eu creio que a gente deve conscientizar católicos, cristãos e não-cristãos para a sua dignidade de pessoa humana, depois para a sua missão dentro do plano do amor de Deus que “quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade.” Supõe-se naturalmente o crescimento da pessoa no conhecimento de si mesma, dos seus direitos, de seus deveres, de suas aspirações. Supõe-se ainda que

o homem também lute para realizar-se — não apenas sofrendo o paternalismo da Igreja, o paternalismo da classe dominante —, mas que lute para se realizar. Bem, numa ordem social mais ou menos equilibrada, deveria haver chances para todas as pessoas se realizarem.

Aqui vemos também a fraqueza, que eu não digo que será exclusivamente de nossa atual situação política, porque o problema vem de longe. Quando se olha para trás, vê-se como certas fraquezas de nossa situação social vêm de longe. Até que ponto, dispomos de meios para uma conscientização e uma conquista de direitos? O que nós temos de vida sindical, basicamente é de Getúlio Vargas, do tempo da ditadura, e não creio que, sem a imposição de Getúlio, fosse possível, através dos políticos, chegar a resultados concretos, porque os interesses de classes dominantes eram muito fortes para permitirem que as pessoas humildes também fizessem valer seus direitos.

**CEI — Parece-nos que, o sindicalismo de Getúlio Vargas frustrou as poucas possibilidades de um sindicalismo democrático no Brasil, como havia antes da Revolução de 30. Quer dizer que nós herdamos realmente o peleguismo. Como o senhor vê as influências dessa mentalidade na vida política brasileira?**

Eu creio que, dentro da legislação atual, se podiam explorar muito mais suas possibilidades.

## AÇÃO POLÍTICA COMO EXPRESSÃO PROFÉTICA

Disso não tenho dúvida. Agora, um problema sério, é que toda a promoção do bem-estar, do bem comum, se faz certamente através da política. A política é realmente o meio comum da promoção do bem-estar da comunidade. Mas quando a gente olha a nossa paisagem política, os políticos, e acompanha a atuação dos políticos, a gente se decepciona. Os políticos podem queixar-se de que estão marginalizados, como o Jarbas Passarinho reconheceu, mas o comportamento deles para conquistar os votos, a demagogia, o primarismo que a gente vê aqui, é uma coisa lamentável.

Eu fui convidado para uma reunião de vicentinos, de toda esta área da Baixada e lá estava um grupo de políticos: deputados e candidatos. Tinham ido lá, a título de propaganda, para cumprimentar os vicentinos no dia do seu encontro e distribuir santinhos. Homens que não têm de Cristo noção nenhuma, (e se a tiveram, abandonaram, deram bofetadas em Cristo a torto e a direito), vão a uma reunião, reunião que nada tem a ver com política, para fazer politicagem.

Realmente é esse o primarismo de métodos pra conquistar votos. Depois veja-se a atuação da Câmara ou da Assembléia Legislativa, (meu Deus do céu!), que tremendo fracasso! Às vezes a gente tem a tentação de dizer que o sistema político não piorou nada; só fez aceitar uma situação que os políticos criaram e herdaram. Eu admito que, apesar de tudo, a democracia é o

melhor sistema, admito isso. Mas é lamentável que, depois de tanta experiência dolorosa, depois de tanta humilhação, a classe política ainda não se tenha encontrado, ainda não tenha refletido sobre a finalidade da Política que é a promoção do bem comum.

**CEI — Não seria isso exatamente porque ao povo, como povo, tem sido negada, no passado e agora, a tarefa política?**

Poderíamos dizer isso. Essa tarefa política tem sido negada não só agora, porque — olhando toda a evolução dos partidos — a gente percebe que nunca se pensou em conscientizar os partidos. Só se pensa no povo ou nos adeptos da sigla tal e tal na hora da eleição. Quer dizer: não há formação dos políticos, como não há formação dos membros dos partidos. O povo que dá o voto é conhecido apenas nas vésperas da eleição e a conquista do voto é feita pelos recursos mais primários. É pra de sapato pra fulano, é um churrasco pra sicrano. Nunca houve esforço de conscientização política. Os políticos não dizem: “Queremos que o povo dê seu voto consciente.” Não. O que pensam é: “Queremos gente que seja manipulada.” Eu não sei se estou sendo injusto.

**CEI — O senhor acha que nessa ação de pastoral — a qual visa exatamente levar o povo à libertação, uma libertação integral, uma libertação que abranja tudo — há implicações políticas? Política no sentido bem amplo?**

Política, política da promoção do bem comum, sim, política que leva o homem a refletir sobre a sua dignidade, e a reivindicar seus direitos. Eu acho que isto é nossa obrigação na pastoral. Quer sejamos protestantes ou católicos, eu creio que é obrigação nossa conscientizar. Agora em nível de ministério (para o pastor, o padre), o perigo é a gente se envolver de tal forma em política partidária que, essa política partidária venha a separar, a criar distância que provoque hostilidade. A gente deveria ter muito cuidado em evitar o envolvimento do ministro — daquele que tem missão profética — em atividade político-partidária. Agora, a conscientização para os direitos da pessoa humana, para as suas reivindicações, para a justiça social, bom, isso é política, mas pertence essencialmente ao Evangelho, à pastoral não vejo como escapar a esse dever. Ou então se faz uma pastoral desincarnada, que não resolve nada. Tenho certeza que isso é negação do Evangelho. Se eu quero uma Igreja que fale do Reino de Deus, do amor fraterno em termos genéricos e nunca diga: “aqui está a transgressão do amor fraterno, aqui está a

exploração do irmão, aqui está a ofensa ao Evangelho de Jesus Cristo”, e que fique só em: “precisamos amar-nos uns aos outros”; aí está um cristianismo acomodado que não tem absolutamente nenhuma razão de ser. Muita gente gostaria disso: “que eu não seja perturbado nos meus círculos, que eu viva tranqüilo, com a consciência descansada; não quero nenhum barulho pra me despertar.” Mas isto é negação total da Igreja de Cristo.

**CEI — No trabalho pastoral aqui na sua diocese, tem surgido alguma vocação política autêntica entre os cristãos?**

É uma pergunta interessante, porque a gente devia supor essa vontade de participação. Houve alguns casos, uns poucos casos, que foram despertados pelo cursilho. Cursilho é uma ducha, mas não dá mais do que aquilo que três dias podem dar. Se minha ignorância do que é o Evangelho entrou no cursilho, sai do cursilho como entrou. Se entrei ignorante, saio ignorante. Recebi ali, digamos, umas pílulas. Certo; houve boa vontade, mas o que eu levei para três dias de cursilho não é modificado. Compreende? Há uns que despertaram, naqueles dias, para sua responsabilidade cristã, mas sem base sólida porque lhes faltava ainda formação e vivência cristã.

## UM BISPO (PROFETA) VERSUS GOVERNADOR E PREFEITO

**CEI — Tem surgido uma liderança política não institucionalizada, mas uma liderança política comunitária, independentemente dos partidos, no trabalho de pastora? Isto é, líderes comunitários, têm aparecido?**

Têm aparecido alguns casos. Uns ficam mais numa faixa religiosa, embora não exclusivamente. Outros alargam essa liderança, que partiu de formação religiosa, para toda atividade comunitária, inclusive abrindo-se para os que não são cristãos. Mas, como essa abertura maior se verifica entre nós sobretudo nas classes humildes, não tem muita influência, já que as influências grandes mesmo são das elites. Os pequenos não têm acesso aos de cima.

**CEI — Como não têm acesso? Quer esclarecer melhor?**

Suponhamos que fazem um movimento qualquer na comunidade. Um exemplo: é preciso colocar postes para luz em nosso bairro, vamos falar com o prefeito? Chegam lá, encontram logo um leão-de-chácara, que não os deixa entrar. Mais de uma vez declarei que estou disposto a acompanhá-los nestas reivindicações justas. Mas não chega a tanto, porque eles desanimam. Nas primeiras tentativas, já entregam os pontos. Bem, aqui começa a minha missão profética de padre e de ministro: denun-

ciar essa impossibilidade de uma pessoa humilde chegar aos responsáveis da comunidade, às elites.

**CEI — O senhor tem, em sua experiência, fatos concretos desses encontros com autoridades para reclamar, pedir, advertir? Poderia contar?**

Sim. Na inauguração do Centro Profissional, o primeiro que tentamos aqui em Cabuçu, o prefeito compareceu. O prefeito de Nova Iguaçu, prof. Joaquim de Freitas é uma pessoa distinta, boa. Mas a "entourage" política é um caso sério. Cabendo-me falar, disse entre outras coisas também o seguinte: "Agradeço ao senhor prefeito a boa vontade que não foi realizada, porque a engrenagem emperrada não permitiu que suas promessas se realizassem." Prometeu mandar trator para aplinar o terreno, prometeu dar os postes para a quadra de esportes, nada foi cumprido. Senhor prefeito, eu peço ao senhor respeitosamente: veja, antes de tudo, como de-semperra a engrenagem, porque

o negócio não funciona.” Mas disse isso de maneira delicada com um pouco de bom humor, que não ofendeu. Tenho de aproveitar essas ocasiões para dizer que muita coisa não funciona.

**CEI — E com o Senhor Governador do Estado? Parece que o senhor já andou em Palácio fazendo reivindicações, é verdade?**

Também. Estive há dois anos, uma única vez, com o governador do Estado do Rio, levando uns problemas da Baixada, problemas de segurança, problemas de educação, escolas, etc. Houve boa vontade em me escutar e atender. Mas praticamente pouca coisa se modificou.

**CEI — Parece que a missão política da igreja se realiza nessa perspectiva. Não acha?**

Pelo menos no nosso campo ministerial, a meu ver, a gente devia se abster, o mais possível, da inserção na política partidária. Eu aceito — como já disse

— que um padre, como um pastor, também represente o povo na câmara; aceito, mas como cidadão não como padre ou pastor.

De maneira que, nós ministros, em geral, não nos cabe uma atividade político-partidária, mas a missão profética: denunciar com toda a coragem, sem medir conseqüências (denúncia de subversão, calúnia, má interpretação), denunciar todas as maldades que estão aí.

**CEI — A gente, nessa missão profética, pode sofrer a acusação de subversivo?**

Não se escapa. Não se escapa. “Felizes de vocês quando forem perseguidos por causa do meu nome.” É o mesmo problema dos apóstolos, quando foram perseguidos na primeira fase da Igreja. Estão felizes por sofrerem alguma coisa, em nome de Jesus Cristo. Creio que isto se repete na história da Igreja. Agora eu aqui, pessoalmente, na minha formação, na minha experiência cristã humana, depois também na expressão da graça, para chegar ao resultado de que

**A missão profética:**

**Denunciar com toda a coragem  
sem medir as conseqüências.**

**Denunciar todas essas maldades que estão aí...  
e deixo acontecer o que acontecer...**

## MOVIMENTO ECUMÊNICO — UM ADMIRÁVEL SINAL DOS TEMPOS:

“É O ESPÍRITO DE NOSSO TEMPO, GRAÇAS A DEUS!”

a minha força de ministro é Jesus Cristo, é a graça de Jesus Cristo, é o Evangelho, não preciso me refugiar em ideologias, para tirar daí as armas e os elementos de luta pela justiça social. A partir do Evangelho, a partir daquilo que nós dizemos que é a mensagem do Evangelho, interpretada através dos tempos na Igreja pelos seus melhores filhos, sou capaz de descobrir que a minha motivação é profundamente cristã. Aconteça o que acontecer. Não me interessa.

**CEI — Queríamos saber agora um pouco de sua experiência aqui na diocese com relação ao movimento ecumênico, suas experiências ecumênicas...**

Eu tenho uma abertura total porque creio que a mensagem do Evangelho supõe necessariamente em nós, uma total liberdade de aceitação. Liberdade com que Cristo nos libertou. É a grande novidade que nós somos pessoas humanas, nos colocamos diante do Pai como filhos, podemos estabelecer um diálogo com o Pai. Por isso não é possível a gente forçar ninguém a uma forma determinada de cristianismo. Bom. Precisamos partir desse princípio, dessa idéia. É do espírito do nosso

tempo, graças a Deus, esta aproximação das igrejas. Eu tenho feito, imperfeitamente sem dúvida, umas tentativas de aproximação humana e cristã, com o pensamento do movimento ecumênico. Mas até agora não consegui muito. Nas visitas pastorais peço aos vigários: “O senhor veja se consegue uma reunião com os pastores, uma visita às igrejas, sem causar escândalo nem de um lado nem de outro.” Geralmente, tem sido possível fazer uma visita, ter uma conversa. Em alguns lugares o pastor também me convidou para dizer umas palavras a um grupo da comunidade. Noutros lugares, convidaram alguns pastores para juntos conversarmos, sempre numa atmosfera boa. A participação maior foi sempre da Assembléia de Deus, com aquela movimentação, aquela espontaneidade, aquela simplicidade. Agora fora disso, não consegui muito. Experimentei uma vez uma semana de oração pela unidade, 18 a 25 de janeiro. Outra vez, tentei o mesmo na semana de Pentecostes. Fracassei até agora. Tenho esperanças de que, a partir desses mesmos encontros, da influência dos senhores sobre outros pastores daqui, talvez nasça alguma coisa. Eu não penso, de maneira nenhuma em converter



Dois mil e tantos  
grupos cristãos...

Como unir tudo  
isso? Como nos  
encontraremos?

Só se nos respeitarmos.

ninguém. Como eu disse uma vez em Ástin à comunidade evangélica: "Eu não vim aqui para ser convertido nem pra converter, vim aqui para um encontro fraterno, somos irmãos". A primeira coisa é essa.

**CEI — A entrevista vai ser lida por pastores desta região, que talvez nem tenham descoberto ainda tantas possibilidades aqui.**

Houve já alguns pastores que disseram que gostariam de falar comigo, mas ficaram nisso. Uma vez encontrei um pastor no ônibus, começamos a conversar, uma conversa muito gostosa, até o Rio de Janeiro. Eu me encontrei com ele depois no Hospital, acho que da Igreja Batista. Foi uma conversa muito boa, mas não foi adiante.

**CEI — Parece que o povo evangélico em certas áreas mais humildes ainda é bastante desconfiado com esse tipo de experiência. Talvez a vivência ecumênica esteja atingindo antes os meios protestantes mais desenvolvidos.**

No entanto o curioso é que são os pastores das Assembléias de Deus que revelam mais aceitação. Já tenho estado em reuniões deles, em conversas e até já falei a grupos deles, e se mostraram bastante interessados.

**CEI — E o Movimento Pentecostal Católico de tanta repercussão noutros centros, por causa dessa tendência dos pentecostais para a aproximação, tem tido algum efeito em sua diocese?**



---

**PROCURAR SEMPRE FORMAR UMA LIDERANÇA CRISTÁ QUE MARQUE DE CRISTO O SEU TRABALHO.**

Nas atividades dos cursilhos tem havido alguns elementos pentecostais católicos que nós temos de aceitar. Mas até agora não tivemos um Movimento Pentecostal Católico propriamente dito. Houve alguns grupos que desejaram organizar-se com objetivos semelhantes. Mas, eu não sou favorável a institucionalizar tudo, deixo que haja bastante espontaneidade. Se no momento oportuno, há necessidade de institucionalizar, para irradiar, então sim, mas do contrário eu deixo os movimentos funcionarem à vontade. Não me considero responsável por tudo o que acontece na Igreja. O Espírito Santo quer trabalhar também. Devemos deixá-lo trabalhar.

**CEI — Talvez aí seja uma redescoberta que a gente tem que fazer, não acha?**

Exato. Nós na Igreja Católica temos sofrido muito com as tentativas de estruturação política e empresaria. O princípio protestante da autonomia e da responsabilidade pessoal, da interpretação livre da Bíblia pode ser uma complementação válida

para nossas estruturas de Igreja Católica. E vice-versa. De maneira que, voltando à questão do movimento ecumênico: eu creio que é do plano de Deus que haja diferenças.

**CEI — Seria bom que o senhor falasse de como o senhor vê a unidade, sempre como alvo e nunca como realidade.**

Quando olho o dicionário que está lá em casa: duas mil e tantas seitas e confissões cristãs em dois mil anos, eu pergunto: Como é possível unir tudo isso, (meu Deus do Céu!)? como é possível juntar tudo isso? Pertence ao dinamismo da fé a possibilidade de interpretações diferentes e mesmo de uma não-fé. Não tenho a menor dúvida sobre isso. Como nos encontramos? Creio que só na base do amor fraterno e do respeito mútuo. Um exemplo: Se eu aceito a presença real de Jesus Cristo na Eucaristia e você não aceita, só nos encontramos cristãmente se nos respeitarmos. Não há outra solução.

**CEI — No espírito de sua afirmação de que “pertence ao dinamismo da fé a possibilidade de uma não-fé”, desejamos saber se o Centro de Formação de Líderes da Diocese de Nova Iguaçu tem servido somente a grupos religiosos ou também a grupos não-religiosos ou se virá a servir.**

Na primeira intenção, são duas as finalidades ou atividades: O Centro procura ser uma irradiação da mensagem do Evangelho; ao mesmo tempo procura oferecer infraestrutura para grupos que procuram realizar qualquer atividade, sempre no sentido de formação e formação de grupos de elite, formação de liderança; como de pais, professores, classes dirigentes, agentes de pastoral e, o caso nosso, de ministros do evangelho. O Centro está aberto também a finalidades não religiosas. Por exemplo, o MOBRAL já usou o Centro várias vezes.

**CEI — Estamos muito satisfeitos com a sua atenção. Foi uma agradável surpresa encontrarmos o senhor, conversarmos e conhecermos esta admirável obra que está fazendo. Os nossos leitores, estamos certos, também vão gostar. Mais alguma palavra?**

Também estou muito alegre pela oportunidade deste nosso contato e espero que nosso relacionamento e aproximação prosigam sempre com vistas ao Reino de Deus.

LEIA

**LIBERDADE**

**E  
FÉ**

Tempo e Presença Editora



LANÇAMENTO QUE VOCE NÃO PODE PERDER

## SALVAÇÃO HOJE

Do Bispo Mortimer Arias

SALVAÇÃO HOJE, de autoria do Bispo Mortimer Arias, da Igreja Metodista da Bolívia, transmite impacto profético da Conferência de Bangcoque sobre SALVAÇÃO, promovida pela Comissão de Missão Mundial e Evangelismo. Fala-nos numa linguagem que é inconfundivelmente nossa; repreende nossa infidelidade com zelo pastoral e fervor missionário; e nos introduz na análise da missão que está diante de nós.

SALVAÇÃO HOJE precisa ser lido por todos aqueles comprometidos na EVANGELIZAÇÃO, pois apresenta uma reflexão profundamente bíblica sobre o testemunho cristão na atualidade.

*Uma edição conjunta de*

**TEMPO E PRESENÇA E EDITORA VOZES**

Nas livrarias

Preço unitário ..... Cr\$ 20,00  
Pedidos (reembolso postal)  
Diretamente à editora ..... Cr\$ 16,00

**TEMPO E PRESENÇA EDITORA LTDA.**

Caixa Postal 16082 — ZC-01

20000 — Rio de Janeiro, GB

# CONCILIUM

**REVISTA** internacional de Teologia, onde colaboram teólogos cristãos (católicos, evangélicos, ortodoxos) de mais de vinte países.

**REVISTA** com a marca do ecumenismo: aberta a tudo o que interessa ao cristianismo como tal e não apenas a esta ou àquela denominação.

**REVISTA** moderna e prática: nos assuntos e, nas questões abertas, não são apresentadas as pesquisas e sim os resultados das pesquisas.

**REVISTA** que mantém os leitores em dia com o mais atual pensamento cristão.

CONCILIUM sai 10 vezes por ano, ao mesmo tempo em 12 idiomas. A edição em língua portuguesa, para o Brasil e Portugal, é propriedade da Editora VOZES.

CONCILIUM, em cada número, é um tratado sobre assunto determinado. Em seus 10 exemplares anuais, abrange as diversas disciplinas teológicas, sempre nesta ordem:

- 1.º número: *Dogma*
- 2.º número: *Liturgia*
- 3.º número: *Pastoral*
- 4.º número: *Ecumenismo*
- 5.º número: *Moral ou Teologia Fundamental*
- 6.º número: *Problemas de Fronteira*
- 7.º número: *História*
- 8.º número: *Direito Canônico*
- 9.º número: *Espiritualidade*
- 10.º número: *Sagrada Escritura*

CONCILIUM é leitura indispensável aos teólogos e recomendada a todas as Universidades e Escolas Superiores onde funcionam cursos de História, Religião, Ciências Humanas, Direito etc., bem como ao clero, às religiosas, aos pastores.

Assinatura anual	Cr\$	85,00
(Por Via Aérea)	Cr\$	110,00
Número avulso	Cr\$	12,00

Para assinaturas ou pedido de números avulsos dirija-se a Editora VOZES, em qualquer dos endereços abaixo:



**EDITORA  
VOZES**

Rua Frei Luís, 100. Tel.: 42-5112  
Caixa Postal 23. End. Telegr.: *Vozes*  
25.600 Petrópolis, Estado do Rio  
C.G.C. 31.127.301/0001  
Inscr. Est. 39.030.164

*Filiais:*

*Rio de Janeiro:* Rua Senador Dantas, 118-I  
Tel.: 242-9571

*São Paulo:* Rua Senador Feijó, 158/168  
Tels.: 33-3233 - 32-6890

*Belo Horizonte:* Rua Tupis, 85  
Loja 10 — Tel.: 22-4152

*Porto Alegre:* Rua Riachuelo, 1280  
Tel.: 25-1172